



8
1-3

RB169.579



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton



Digitized by the Internet Archive
in 2009 with funding from
University of Toronto

A SOBRINHA DO MARQUEZ.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

A SOBRINHA DO MARQUEZ

COMEDIA

PELO AUCTOR DE CATÃO, GIL-VICENTE,
LUIZ DE SOUZA, ALFAGEME ETC.

LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL.

MDCCCXLVIII.

ESTA lucta continúa em que anda a humanidade — e a que parece não haver termo na duração dos seculos — varia comtudo de objecto e de contendores segundo as epochas. — Nossos paes e avós travaram a guerra da

classe-média com a aristocracia, e tiveram os reis de sua parte. Durava inda a peleja aqui ou alli, quando viemos ao mundo quasi todos os que hoje vivemos: assistimos portanto á victoria dos burguezes; e vimos a monarchia, sua auxiliar e protectora, assustada e vacillante no campo de batalha, tremer de seu proprio triumpho.

Porque se viu e sentiu na dependencia dos mesmos a quem tinha ajudado a vencer.

Elles comeffeito tiraram para si o forte dos despojos, e pouco deixaram — ou pouco tempo o deixaram á coroa. Fizeram mais: substituiram-se aos vencidos em quanto poderam, que foi em tudo menos no respeito popular, porque o povo, que se inclinava ao ‘coronel’ dos duques e dos marquezes feudaes, que olhava com veneração para os arminhos e cottas d’armas das familias historicas, nunca tomou a serio os brazões dos novos condes, e ria ás gargalhadas da eco-

nomica pelle de gato branco que o poupado burguez punha aos seus hombros de villão para arremedar a nobreza antiga, e se vestir baratinho de gran'senhor.

Certare pares!

Ainda combatiam para ser pares dos outros, mas ja era só n'isto.

Não fallo dos abusos, dos erros, dos crimes de ninguem, de nenhuma classe: digo o que foi e o que é, mais nada.

E como estamos em pontos de comedias, menciono o que é mais saliente no ridiculo da epocha.

A classe-média, vencedora, foi para as suas delicias de Capua, e amolleceu n'ellas. Hoje quer defender o que ganhou, e a monarchia com quem o ganhou — e cujas fórmulas lh'o mantêm — dos novos contendores que lhe surgiram, e com que não contava em sua orgulhosa cegueira de *parvenu*.

Hade-lhe eustar: não tem no solo, não

tem nas crenças, não tem no material nem no moral do paiz fôrça nenhuma que se pareça com a que tinham seus antigos contrarios que tantos annos combatteu, que hoje quer em vão fazer seus alliados, seus pares.

Podiam ter creado outra ordem de coisas, podiam ter-se organizado... Talvez! não sei. Mas sei que o não fizeram, e que tudo o que n'esse sentido tentaram, foi absurdo, foi inconsequente, e o que mais importa aqui agora, porque é da provincia da arte—ridiculo.

Ridiculo, tam ridiculo que dava assumpto a novo *Bourgeois-gentilhomme*. É uma comedia que está por fazer.

A que eu fiz nem pertence a este genero nem a ésta epocha: é de duas ou tres gerações mais atraz, é do tempo da outra lucta.

Á frente d'essa esteve entre nós o marquez de Pombal. É ocioso mencionar que teve por contrarios os Jesuitas e a alta nobreza: mas é muito necessario recordar que.

para os combater, suscitou, se não creou elle, a classe-média; que a separou do povo; que a arregimentou sob o commando da coroa; que reinou com ambas dominando uma e outra, erguendo-as e contendo-as com a mesma mão.

Anniquillar de todo a aristocracia, ou deixar triumphar completamente a burguezia — que fôra o mesmo — era abdicar nas suas mãos: e o ministro d'elrei D. José tudo queria, menos abdicar.

Tal foi o pensamento e tal foi a epocha do marquez de Pombal.

Para fazer bem sentir tudo isto, colloquei o meu drama nos ultimos dias, nas derradeiras horas d'aquelle célebre reinado. Os antigos dominadores proscriptos, os nobres, os Jesuitas, levantam a cabeça com a primeira agonia d'elrei, mas ainda a levantam a medo. Apezar da elevação que lhe deve, que sabe dever-lhe a elle, a classe-média teme

o marquez de Pombal, não o ama, e detesta a disciplina e subordinação em que a tem, — embora seja para sua vantagem d'ella; abhorrece-a, incommoda-a como uns sapatos novos á recruta nos primeiros dias de marcha.

Demais, reagem os antigos habitos da clientella aristocratica e da submissão jesuitica. Em todo o modo de ser social que durou longamente, ha vantagens por fôrça: e quando elle se destroi, lembram mais essas do que os inconvenientes. Saudades do bem que se teve duram mais do que o abhorrecimento dos males que o acompanhavam. Embora fosse muito maior o mal que o bem. Fez-nos assim a natureza.

Este era o estado dos animos em Portugal ao expirar D. José I, e ao sentir-se cahir do podêr o seu grande ministro. Pareceu-me que esse dia supremo devia, melhor que nenhum outro, pôr em evidencia as pai-

xões, os interêsses, as acções e reacções todas de uma epocha tam memoravel.

Estou certo que as figuras, as roupas, o desenho e o collorido todo do meu quadro são de exactissima verdade. Só e apenas nas attitudes e no formar dos grupos usei das liberdades da arte, e menos por usar d'ellas, do que por evitar personalidades desagradaveis aos netos que ainda vivem, se lhe representassem individualmente os avós.

Assim, tirado o marquez de Pombal — typo de si mesmo, e que somente por si podia ser representado — todos os outros personagens são typicos; e cadaum d'elles figura, não um individuo que existisse, mas uma classe de que é representante.

No padre Ignacio claro é que se personallizam os proscriptos Jesuitas movendo surdamente e por todos os meios sua implacavel vingança; em D. Luiz a antiga fidalguia descabida; na familia do mercador da rua

Augusta a burguezia vacillante, incerta ainda do presente, com terrores e saudades do passado.

Agora nos dous caixeiros de Manuel-Simões balbuciam as primeiras aspirações do povo que ainda não entra em nada, que assiste á contenda das duas classes superiores, sem podêr nem saber decidir bem ainda nem as suas proprias sympathias, que ora tendem a uma ora a outra.

Mas, vença uma, ou vença a outra, o que ha para elle na victoria?

Quando o podêr muda, seja para quem for, applaude, porque o instincto lhe diz que n'essas mudanças descansará elle.

Dei-lhe dous caixeiros ao Manuel-Simões, um do norte, outro do sul do reino, porque, além de ser essa a verdade material dos factos e dos costumes, a verdade topographica para assim dizer, do bairro commercial de Lisboa — tambem se characterizam assim

melhor as tendencias e instinctos, não tam claras como hoje, mas ja então visiveis, das duas principaes divisões do povo portuguez.

Se alguem queria ver outra coisa n'uma comedia do tempo do marquez de Pombal, esse alguem, perdoe-me a sua ausencia, é tolo; e tanto sabe o que é o Portugal em que vive, como aquelle em que viveu seu pae e seu avô.

Lisboa, abril
de 1848.

The first part of the book is devoted to a general
 introduction to the subject of the history of
 the world. The author discusses the various
 theories of the origin of the world and the
 progress of civilization. He also touches upon
 the different stages of human development
 and the influence of the environment upon
 the progress of the race. The second part
 of the book is devoted to a detailed
 account of the history of the world from
 the beginning of time to the present day.

The author's treatment of the subject is
 clear and concise, and his style is
 simple and direct. The book is well
 illustrated and contains a large amount
 of interesting material. It is a valuable
 addition to the library of every student
 of history.

The book is written in a popular style
 and is suitable for the general reader.
 It is a well-written and interesting
 work, and it is a valuable addition
 to the library of every student of
 history. The author's treatment of the
 subject is clear and concise, and his
 style is simple and direct. The book
 is well illustrated and contains a large
 amount of interesting material.

The book is written in a popular style
 and is suitable for the general reader.
 It is a well-written and interesting
 work, and it is a valuable addition
 to the library of every student of
 history. The author's treatment of the
 subject is clear and concise, and his
 style is simple and direct. The book
 is well illustrated and contains a large
 amount of interesting material.

A SOBRINHA DO MARQUEZ

COMEDIA

Representada, a primeira vez, em Lisboa, no theatro
de Dona Maria Segunda, em 4 de Abril de

MDCCCLVIII.

PESSOAS

MARQUEZ DE POMBAL.

PADRE-IGNACIO.

D. LUIZ DE TAVORA.

MANUEL-SIMÕES.

TIA-MONICA.

D. MARIANNA DE MELLO.

ZEPHIRINO.

ZÉ-BRAGA.

SECRETARIO DO MARQUEZ.

POVO.

DRAGÕES DO MARQUEZ, CALECEIROS, GALLEGOS.

Logar da scena — Lisboa.*

ACTO PRIMEIRO.

Sala, meia ęscriptorio meia armazem ; mobilia dos meados do seculo dezoito. Rumas de fazenda a um lado, carteira alta de escrever, com seu mocho. Portas ao lado, e no fundo.

SCENA I.

SIMÕES, MONICA, ZEPHIRINO, ZÉ-BRAGA.

SIMÕES, sentado á carteira, chapeo na cabeça.

Está bom, tia Monica, está bom. Va cuidar no mais. Minha sobrinha póde chegar de um instante

para outro; é uma menina delicada, que vem do convento costumada a todo o melindre, não quero que estranhe.

MONICA, áparte.

Sobrinha, sobrinha! . . . Será. E muito dá que fazer a tal sobrinha! (*alto*) Pois então lá vou. Elle está tudo prompto, mas emfim. . .

SIMÕES.

Va, va.

SCENA II.

SIMÕES, ZÉ-BRAGA, ZEPHIRINO.

SIMÕES, distrahido, áparte.

A sobrinha do marquez em minha casa, e vir aqui passar por minha sobrinha! . . . E tê-la eu em casa, ter de a tratar deante de gente como tal! Grande honra, Manuel-Simões, grande honra! . . . mas. . . E o padre Ignacio sem vir! Não sei como me heide sahir d'esta imbrulhada. (*Levanta-se, vem ao meio da scena, e repara em Zephyrino e Zé-braga*) Esses droquetes para baixo. . . Dez peças na prateleira da esquerda, uma peça no banco da amostra á porta. Intendem? (*outra*

vez distrahido) Que eu sou pelo marquez... Quem não hade ser por elle? É meu compadre... e tam pouco lhe devo eu!... Mas aquelles gritos em Belem... aquellas crueldades... aquella pobre marquezza de Tavora... (*reparando nos caixeiros que fazem o que lhes mandou*) Não lhe esqueça de regarem o passeio adeante da porta. (*fallando consigo*) E o duque... Oh! aquillo foi por demais. (*torna a reparar nos caixeiros*) Sacode essas capas, rapaz: hade estar bonito aquelle panno incarnado se vocès o deixam assim... (*consigo*) É verdade: mas tambem quem lhes mandou atirar aquelles tiros?... (*aos caixeiros*) Não sacudas assim, bruto, que tiras a flor ao panno. Ai, que te mando outra vez para Villa-nova-de-Famalicão para andar atraz dos bois, gallego!...

ZÉ-BRAGA.

Num sou gallego, sô patrão, nem sou lá de Famalicão, sou de Vraga nado e criado: canté o tio avade vem n'ó save.

SIMÕES.

Sejas tu de Vraga ou de Voïças, calla-te, que não estou para te aturar. (*consigo*) Mas quem sabe se foram elles porfim? E fosse como fosse, fos-

se quem fosse que desse aquelles tiros, nunca eram as pobres senhoras que pucharam o gatilho. (*para os caixeiros*) Agora tu, hem ! meu alfacinha não sei de quê ? Isso ! indireita o pescocilho e riça o topete, em vez de ires medir aquelle bactão que ja veio ha dois dias, e nada ! Não sei como não trazes polvilhos, meu papa...pa...paparrotão. Ai que eu !... Um brutamontes, outro peralvilho ; um minhoto cerrado, outro deslavado alfacinha ! estava aviado eu se não fosse o Sr. Luiz. (*á parte*) Pobre D. Luiz, quem te diria ! (*alto*) Qu' é do Sr. Luiz, madraços ? Ainda está no seu quarto ?

ZEPHIRINO.

Nos é que semos os madraços, sim senhor... São oito horas, e o Sr. Luiz ainda está no seu quarto... mas para nós é que handem serem os... Aqui vem o Sr. Luiz. (*olhando ao bastidor*)

SIMÕES.

Callem-m'a a bôcca ! Xó d'aqui ambos ! Para a logea, olhar pelos freguezes : e fechem-me essa porta. (*vão a sahir os caixeiros*) Oh ! e oiçam ca : (*voltam os caixeiros*) em vindo o padre Ignacio...

ZEPHIRINO, rosmando.

O padre Ignacio é um famoso Jesuita !

SIMÕES.

Que rosnas tu lá?

ZEPHIRINO.

Nada: é que ouvi por modo de uma carruagem... Se fosse o Sr. marquez...

SIMÕES.

Papalvalhão mettido a experto! como te lembraste do marquez a éstas horas?... Sette horas... sette e meia, o muito.

ZEPHIRINO.

Que elle não esteve aqui hontem ás oito! E mais a carreira que deu o Sr. Luiz mal que o avistou?

ZÉ-BRAGA.

An que lh'o démo corresse atraz, num podia correr mais! Deu m'um pincho para traz do valcão e foi-se metter na locha de traz...

SCENA III.

SIMÕES, ZEPHIRINO, ZÉ-BRAGA; LUIZ *parando á porta do fundo.*

ZÉ-BRAGA, continuando sem ver Luiz.

Que é isso, que l'eu dixeu, sor Luiz? qu'o nos-

so marquez que num mette medo senão ós xesuitas. Bocencé é ca dos que elle faz festa, da sua chente...

SIMÕES, que viu Luiz, tira o chapeo com disfarce.

Calla a bôcca, Boiças, e marcha ja para a logea.

ZEPHIRINO.

Então em vindo o padre Ignacio?

SIMÕES.

Que entre logo para aqui. Vai-te.

ZEPHIRINO.

Inda que esteja o Sr. marquez?

SIMÕES.

Quem te falla agora no marquez, babau d'alfacinha?

ZEPHIRINO.

É que o padre Ignacio... ja por ahi dizem pelo arruamento...

SIMÕES.

Dizem... dizem. (*incholerisando-se*) O que é que dizem, tolo?

ZEPHIRINO.

Que é um refinado...

SIMÕES, pegando no covado.

Um refinado o quê?...

ZEPHIRINO, fugindo com o corpo.

Não dizem nada, senhor; está bom.

ZÉ-BRAGA.

Digem, sim senhor, digem: eu cá num tenho medo, e digo-lhe a verdade. Digem que é um xesuita disfarçado.

SIMÕES, contendo-se.

E não dizem mais nada, marotos?

ZÉ-BRAGA.

Oitros digem que é aí alma do padre Malagrida que ianda im penas. E mais que fazem grande aquella e pasmachão, os mercadores e capelistas todos, por ber o nosso patrão, bindo a xer coma é, compadre do sor marquez...

SIMÕES.

Caixeirada!

ZEPHIRINO.

E os patrões também, senhor, que por ahí falam bem n'isso. É que lh'o não dizem na sua cara... mas por traz, tomára eu que os ouvisse. Que se admiram como o marquez vem a sua casa, e se fia tanto no seu compadre... Que vossemecê é pelos fidalgos que foram a justiça...

SIMÕES, á parte.

E não se inganam de todo.

LUIZ, á parte.

A justiçar, meu Deus!... a assassinar. Chamam áquillo justiçar!

ZÉ-BRAGA.

Que num acredita qu'os xesuitas tibessem patto co' démo...

ZEPHIRINO.

Que está que sancto Ignacio foi sancto devéras...

ZÉ-BRAGA.

Que fez uma nobena, mai'la tia Monica, muito em xegredo...

ZEPHIRINO.

Áquella imagem do sancto...

ZÉ-BRAGA.

Que é de prata moxixa...

ZEPHIRINO.

Que tem escondida no seu oratório aopé da cama.

SIMÕES.

Tolos!

LUIZ.

Impios, servis!

ZEPHIRINO, vendo Luiz.

Ah! ahí está o Sr. Luiz. Elle que diga. Mas é que tambem deante d'elle não fallam, não sei porquê... E olhe, Sr. patrão... Mas é que vossemecê... (*apontando para o covado*)

SIMÕES, retorcendo o covado na mão com impaciencia.

Dize, dize. (*para Luiz*) Muito bons dias, senhor... Muito bons dias, Luiz! (*para Zephirino*) Anda tu, falla... j'agora quero saber tudo o que dizem.

ZEPHIRINO.

E o covado?

SIMÕES.

Não te vai o covado, alfacinha relles. (*atira o covado*) Dize o que quizeres, tudo o que ouviste...

ZEPHIRINO, abaixando a voz.

Pois dizem que a sua fazenda, toda a sua riqueza que vossemecê diz que deve á protecção do marquez... e as suas fábricas, e tudo, tal não é seu, nem lhe veio d'ahi: que tudo lhe vem pelo padre Ignacio, e que era dinheiro que ficou escondido nas profundezas do Collegio-novo, á Cotovia — que hoje querem chamar dos Nobres. —

E que o dinheiro que é dos Jesuitas, e que a principal parte dos lucros que vai para Roma; que vossemecê que acceita mais lettras de Genova e Liorne do que o seu tratto pede com aquellas terras... Que assim o disse o outro dia no meio da praça, deante de muita gente, o Sr. Jose Gramicho.

SIMÕES.

Bisbilhoteiros!

LUIZ, ao ouvido de Simões.

Meu Simões, sou eu que te deito a perder.

SIMÕES, do mesmo modo.

Calle-se, senhor!

ZEPHIRINO.

E o que todos scismam mais, em tudo isto, é a amizade do marquez com vossemecê, e o que lhe elle quer, e as visitas que lhe faz, e o que elle enche a bôcca, sendo tammanho fidalgo...

LUIZ, áparte.

Fidalgo! onde nós chegámos!

ZEPHIRINO, olhando para Luiz.

Pois sendo tammanho fidalgo, o que enche a bôcca com o seu compadre Simões! E mais que, estando lá pelo Brasil o afilhado de quem nós

eramos compadres — o seu filho de vossemecê — ficasse sempre a mesma amizade.

SIMÕES.

Invejosos !

ZEPHIRINO.

Mas que, se o marquez souber — e que o hade vir a saber, mais dia, menos dia — que vossemecê que fez, inda o outro dia, a titulo de ser por alma de sua mulher, mas que não era — que fez um officio de defunctos em San'-Jose-de-Ribamar por alma e tenção do duque de Aveiro que ja não é duque...

SIMÕES.

Não, coitado ! que lhe ficou o ducado no patibulo...

ZEPHIRINO.

E mais por aquella bruxa da marqueza de Tavora que tinha infeitiçado a elrei...

LUIZ.

Villões ruins ! atrevida canalha ! quem lhe deu a confiança de pôr sua nojenta bôcca em minha... em minha madrinha ?

ZÉ-BRAGA.

Sim, sim ! Mais ca o sor Luiz que tal sovri-

nho num é de bossencê que lhe biesse da terra ;
mais que é...

LUIZ.

Quem sou eu, miseravel, para me conheceres
tu ou elles ?

ZEPHIRINO.

Ah ! ve, ve ? Mesmo esse ar, que é o que elles
dizem ; que é um dos mortos que não ficou bem
morto em Belem, e que o patrão que o trouxe para
casa de noite ás escondidas ; e que lhe deu vi-
da o padre Ignacio outra vez por suas malajartes
de jesuita... Deus lhe perdoe !

SIMÕES, compondo-se e affectando serenidade.

E não dizem mais nada ?

ZEPHIRINO.

Dizem, sim senhor. Que em o marquez vindo
a saber tudo isto, um dia, quando menos se es-
pere, desaparece d'aqui da rua Augusta a famosa
logea de pannos, baetas e baetões de Manuel Si-
mões e Companhia ; e elle e a sua firma e os seus
pobres caixeiros... E que, se ficar a tia Monica
para contar do terremoto...

SIMÕES, benzendo-se.

Como tu fallas em terremotos, bruto !

ZÉ-BRAGA.

É a tia Monica: a tia Monica é que esta sempre a fallar n'isso; e a contar das tórres da sé que dançabom; e a casa alli de sancto Antonio que avriu como uma belancia pela xésta...

SIMÕES.

Calla-te, e faze o signal da Cruz, bratinho, quando fallares n'esses terrores de Deus. O senhor Jesus seja comnosco. Sanctus Deus! Sanctus fortis!... Minha pobre mulher!... (*Põe as mãos na cara, e vai incostar-se á carteira.*)

ZÉ-BRAGA.

Quem? cá a sora patroa que ficou mesmo esmagada devaixo da casa... a com'assim, com'a?...
.

LUIZ.

Não falles n'isso, José; não vês como afliges o patrão?

ZÉ-BRAGA.

A tia Monica é que conta assim com'a ella ficou... Stá vom, stá vom: xa me callo.

ZEPHIRINO.

Coitado do patrão! em lhe lembrando o terremoto, tudo o mais lhe passa. Vamos para a logea, Zé-braga. Ajuda a estes fardos. Sr. Luiz,

olhe que é verdade o que a gente disse. Não se falla n'outra coisa por ahi; o patrão que se acautelle, e vossemecê também. O marquez é bom ca para nós do povo, dizem... que eu sempre duvidado: os tantos esquartejados do Porto bem do povo eram. Mas cheo! Seja elle por uns ou seja por outros, todos lhe tem muito medo.

LUIZ.

Medo!

ZEPHIRINO.

Medo, medo: podéra não! Não que elle, sem mais tirtte nem guarte, nem juiz nem lettrado, nem procurador que te valha, agarra-me n'um homem, inforca-m'o, intajipa-m'o, esquarteja-m'o... E se depois pelos autos se ve que era innocente...

LUIZ.

Trancam-se os autos.

ZEPHIRINO.

Oh! mas não tira que não seja um grande marquez, e que faz muito pela nação.

LUIZ, áparte.

A sangue tudo, a ferro nos quer emendar! com o algoz por mestre, e a violencia por insino! (*alto*) Sim, meu amigo, sim, o marquez não é

tam mau como nós o fazemos. Deixa-me te ajudar. (*lança mão a um fardo.*)

ZÉ-BRAGA.

Ajudar! Ora isto! com esses braxinhos de louba-adeus... Olhe os seus punhos de renda não se rasguem. (*tira-lhe o fardo, e, com a ajuda de Zephirino, o deita para as costas*) Va lá, homem, upa! (*levam os fardos, e fecham a porta.*)

SCENA IV.

SIMÕES, LUIZ.

LUIZ, chegando-se a Simões que ainda está na mesma
atitude.

Meu Simões, meu amigo, meu verdadeiro amigo!...

SIMÕES, levantando-se e tomando uma attitude
respeitosa.

Meu amo, Sr. D. Luiz, perdoe V. Ex.^a...

LUIZ.

Aque vêem essas excellencias, homem? Cuidas que eu preciso d'isso, ou que posso com isso? — Aqui sou teu sobrinho e teu caixeiro. As

outras honras e titulos estão interrados acolá nos fortes da Junqueira. Esses tristes pergaminhos que não deliu tanto sangue... lá estão a apodrecer no lodo, n'agua incharcada d'aquelles subterraneos. E eu, eu aqui ha dois annos em tua casa para quê? Pondo em risco a tua vida, fazendo-te passar os dias na anciedade, as noites no terror; porquê, meu velho Simões, e para quê? — Para ver se acudo a meu pae, se lhe valho... E ha dois annos que voltei de Inglaterra, que aqui estou a impecer-te e a dar-te cuidados e trabalhos... e ainda não pude nem saber se meu pae era vivo ou morto!...

SIMÕES.

Hoje, meu senhor, hoje é o dia grande, a noite de alegria que hade pagar tantos sustos e trabalhos.

LUIZ.

Hoje!... Ha quantos meses me dizes tu *hoje* todos os dias? E passa-se hoje, ámanhan, e outro dia e outro dia... semanas, meses, annos... e não sei se meu pobre pae ja expiou com a morte o abominavel crime de lhe correr nas veias o proscripto sangue dos Tavoras... Viver meu pae! não

póde ser... ha quinze annos ! É impossivel. Quinze annos n'aquella horrorosa prisão ! É uma esperanza van, uma criancisse minha. Mas porque m'o não hade dizer este perseguidor da minha familia, este verdugo de quanto havia nobre e independente n'esta terra que ha tantos annos tyranniza ? Hontem á noite, dize-me : — hontem á noite que elle aqui esteve comtigo mais... oh ! foi mais de tres horas... perguntaste-lhe por meu pae ? Deu-te alguma resposta ?

SIMÕES.

Perguntei, meu senhor : e a resposta foi a do costume.

LUIZ.

Qual ? a infamia do casamento ?

SIMÕES.

Sempre o mesmo. — ' Não sei : se quer casar, ' verá seu pae ; senão, não. Sei que tu tens es- ' condido esse filho do meu inimigo ; sei que vol- ' tou de Inglaterra, sei por onde veio, que des- ' imbarcou em Galliza, no Ferrol, em trajos de ' mercador, no dia... tal, a tantas horas.' Sabe tudo o maldicto do homem ! ' Que atravessou a ' fronteira com passaporte que lhe arranjou o con-

‘sul inglez; que esteve no Porto de noite a...
 ‘taes horas.’ Sempre a datta, a hora, com o re-
 lojo e a folhinha na mão!... ‘Que passou pela Cor-
 doaria, e que, ao ver certo spectaculo, certas
 ‘penduras que ainda lá estavam pelas árvores,
 ‘fechou o punho e exclamou: *Ali tyranno!*... E
 ‘o tyranno sou eu... porque fiz castigar aquelles
 ‘republicanos tripeirós que me queriam insinar
 ‘como se faz o negocio dos vinhos, e que elrei
 ‘meu senhor...’ tirando o chapeo: tira sempre o
 chapeo em fallando d’elrei.

LUIZ.

A si se corteja o hypocrita; porque elrei, bem
 sabe elle que não é nada.

SIMÕES.

‘Eu sei tudo’ continuou elle ‘sei tudo, com-
 ‘padre Simões; e por amor de ti linjo que não
 ‘sei. E o rapaz é bello rapaz, é instruido: ap-
 ‘prendeu muito nas suas viagens. A inim m’o
 ‘deve: não sabia d’aqui do canto do mundo esta
 ‘gente se os eu não fustigasse...’

LUIZ.

Malvado!

SIMÕES.

Sera, sim senhor ; mas lá isso, faz-lhe justiça a V. Ex.^a Ainda foi mais o que elle disse hontem, muito mais : eu estava pasmado. ‘ Tem realmente muito merecimento o teu protegido, Simões.’ Suas proprias palavras : ‘ Não se peja de ser industrioso ; com o pouco que lhe escapou do sequestro, sei que tem negociado, que é teu socio...’ Fiquei a tremer quando tal ouvi. Elle : ‘ Não tenhas medo, tolo : é um serviço que fizeste ‘ a elrei meu senhor’ barretada ‘ e ao Estado. ‘ Esse dinheiro de fidalgos ia-se em toiros e cavallos : confiscaste tu, para a indústria e civilização do reino, o que escapou ao fisco real. ‘ Tanto melhor ! por um ganhas cento, e mais elle. Não lhe queiro mal, ao contrário : o rapaz ‘ não tem as ideas de aristocracia feudal d’estes ‘ ferrabrazes que eu puz a direito...’

LUIZ.

Infame !

SIMÕES.

— ‘ Que eu puz a direito, dizia elle ‘ com sua ‘ dureza, é verdade ; mas não havia outro remedio. Porêm o que lá vai, lá vai : o rapaz tem

‘juizo; estou prompto a ser seu amigo, que case
‘com minha sobrinha. Marianna é formosa, tem
‘espírito, e é um bom partido... leva-lhe em dote
‘a liberdade do pae, e a casa que lhe eu mando
‘logo intregar...’

LUIZ.

Indigno! Antes a barra de ferro no peito, co-
mo...

SIMÕES.

É verdade, é verdade: V. Ex.^a tem muita ra-
zão. Mas... e seu pae?

LUIZ.

Meu pae, meu desgraçado pae! Oh!.

SIMÕES.

‘Diga elle que sim’ foram as últimas, for-
maes palavras do marquez — ‘diga elle que sim,
‘fiques tu por seu fiador; e eu farei por elle e
‘por ti o que ainda se não fez por ninguem, des-
‘de que eu... desde que elrei meu senhor governa.
‘Abrir-se-hão os calaboiços da Junqueira, e verá seu
‘pae.’ Eu tremendo com muito medo, mas sempre
lhe dis-se: ‘Talvez para não tornar a sahir.’—
Elle muito irritado: ‘A minha palavra, Manuel
‘Simões! atreve-se a duvidar da minha palavra?’

LUIZ.

Atrevo eu. Mas não importa: deixe-me elle entrar, e que eu abrace, ao menos uma vez ainda, o meu pobre pae!... Oh! mas o preço...

SCENA V.

SIMÕES, LUIZ, PADRE-IGNACIO.

IGNACIO.

O preço é de quem sabe o que vende, e o freguez que tem. A bençãam de Deus seja comvosco, meus filhos. Luiz, D. Luiz, coitado! Atribulados nos vemos, meu filho... Ora paciencia, paciencia! Deus dara remedio.

LUIZ.

A meu pae, so se for no ceo, padre.

IGNACIO.

E mais na terra, e mais na terra. Ora pois. — Seu pae está vivo, D. Luiz.

LUIZ.

Vivo!... Oh! padre, Deus lhe pague essa nova. Vivo, meu pae! — Mas como sabe?... Não póde saber.

SIMÕES.

Sabe, sabe; se elle o affirma, é porque é assim. (*áparte*) O que eu ainda ando para saber é qual dos dois adivinha mais ca n'esta terra, se o marquez, se o padre Ignacio.

IGNACIO.

Que rosnais vós lá, Simões?

SIMÕES.

Eu nada, padre. (*áparte*) Vêem o outro com os seus oiros e velludos, este com aquella loba velha e safada... a mim me melem se este o não infia.

IGNACIO.

Simões?

SIMÕES.

Senhor.

IGNACIO.

Vós pensaveis, Simões, e...

SIMÕES.

Eu!...

IGNACIO.

Vós, sim, Simões! (*pausa*) Manuel Simões, vós fostes criado entre os padres; d'ahi vos puz eu em casa do Sr... do pae de D. Luiz, Simões; e d'ahi, por meu respeito e da Companhia, vos fi-

zestes gente. Ora a Companhia ja lá vai, Simões... mas eu fiquei.

SIMÕES, tremendo.

Vossa paternidade...

IGNACIO.

Irmão Simões, de joelhos, e diga a culpa! (*Simões ajoelha com grande humildade*) Irmão Simões, eu sei o que passou por vossa fraca e chocha cabeça, e o peccado contra Deus e a Companhia que vossa charidade commetteu agora por pensamentos. D'isso vos accusais e pedis perdão a Sancto Ignacio e aos seus padres?

SIMÕES.

Peço, meu padre, com toda a humildade do meu coração. Perdoae-me, que eu prometto...

IGNACIO.

Levante-se, irmão.

LUIZ, á parte.

Que obediencia, que espanto! Verdadeiramente estes padres ou são inspirados ou possessos.

IGNACIO.

Está pasmado, D. Luiz! Bem sei o que pensa. Ingana-se. Tudo isto é natural e simples.

LUIZ.

E porque o não faz ninguém mais?

IGNACIO.

Porque não estudam os homens, porque não cuidam de sua educação, porque de todo o sempre se tem pensado que os vinculos materiaes, sós, podiam ligar os homens. A Companhia de Jesus fez o contrário. A regeneração da especie operada sem crimes nem sangue, sem violencias, obrada só pela intelligencia, era o seu impenho... impenho ja meio conseguido. Os reis tiveram medo de nós e do nosso systema. Seja proscripta a Companhia! carreguem-se-lhe mais crimes do que se carregaram aos templarios. Sejam immoraes, corruptos, regicidas, sacrilegos... bruxos e lobis-homes se quizerem... não falta quem creia. Acabemos com elles antes que elles acabem e consigam que o mundo se povoe de homens. Seu podèr é a intelligencia, e a intelligencia é a nossa inimiga grande. O fanatismo disse amen á tyrannia. A ignorancia tola applaudiu, e o mundo ficou para os hypocritas... para os hypocritas da monarchia, e para os hypocritas da philosophia. Por quantos annos, marquez de Pombal? Espe-

rem pelos recados de França que hãode chegar um dia cedo. A especie humana está a caminho. A civilização, guiada e contida por nós, vinha lenta e suave. Quebraram-nos as mãos no cepo do algoz; ella ficou á solta: hade doudejar, que é môça... Lá fica o cepo do algoz, e o seu cutello tambem... Veremos contra quem se volta agora. A cruz de Jesus-Christo era árvore de sciencia, era bandeira de progresso quando nós a tinhamos na mão... Agora formaram-se dois campos... e vós fostes hastear a Cruz nos arraiaes da ignorancia... Lá estão os philosophos do outro lado. São poucos? Elles crescerão. O povo não os intende? Elle intenderá... E que não intenda, é preciso intender para ser proselyto? Veremos quem vos vale agora, veremos donde hade vir a paz ao mundo; veremos quem tem mão na Cruz de Christo pregada n'esse Calvario de ignorancia e de cubiça.

LUIZ.

Este homem é anjo, ou?...

IGNACIO.

Ou demonio? queria dizer. Nem uma coisa nem outra, D. Luiz. Sou um pobre clerigo ve-

lho, um triste proscripto da Companhia de Jesus, um d'esses homens tam calumniados porque tiveram a desgraça de preceder o seculo, porque sentiram o caminho que levava o mundo; porque viram a especie humana atormentada do desejo de melhorar, da ância das reformas, e conceberam o louco projecto de a salvar das violentas crises que a esperam. Tentaram — e a tentativa era bella! — regenerar a obra da criação sem a precipitar pimeiro no cahos. O nosso impenho foi calumniado, foi proscripto; outro systema prevaleceu. Alguma geração futura o bem-dirá talvez; mas duas ou tres hãode ser victimas antes... e os paes e avós tem de comprar, a pèso de lagrymas e sangue, essas fortunas — bem duvidosas! dos filhos de seus netos cujos paes estão ainda por nascer. (*pausa*) Pois bem! os Jesuitas são os inimigos do altar e do throno... Lá está a *Deducção chronologica* que o diz... E o seu auctor nas pedras d'Angoche!... Pagaram-lhe bem... como costumam. Emfim, vamos: depois de perdida a batalha, cuidar dos feridos e resgatar os prisioneiros! D. Luiz, seu pae está vivo, sei-o eu, affirmo-lh'o eu. Podêmos salvá-lo, e é preciso fazê-lo.

LUIZ.

Como, padre? Diga o quê, que estou prompto. Esse resto de fazenda, a minha vida que seja preciso sacrificar... Meu querido pae, meu desgraçado pae! se o tórno a ver!...

IGNACIO.

Nada d'isso: nem vida nem cabedaes aproveitam aqui. Precisâmos de sacrificio maior.

LUIZ.

Ha outro maior?... faz-se.

IGNACIO.

Maior... é... é... É para quem, como o geral dos bomens, arreda os olhos da grandeza dos fins, para se occupar das pequenezes dos meios.

LUIZ.

Não o intendo, padre.

IGNACIO.

É preciso accetar ésta proposta de casamento.

LUIZ.

Ésta... proposta... de... casamento!

IGNACIO.

Da sobrinha do marquez.

LUIZ.

A sobrinha do!... Eu!... com a sobrinha d'el-

le!... O filho de!... Luiz de!... o filho de meu pae com uma!... E é conselho do padre Ignacio, do amigo e director de todos os meus?... de um?...

IGNACIO.

De um jesuita! acabe. Mas quem lhe diz que va ja solemnizar essa alliança?

LUIZ.

Alliança do lobo com o cordeiro!

IGNACIO.

É verdade: mas quem lhe diz que a faça, que va ja?...

LUIZ.

Então não percebo. Pois como heide eu?...

IGNACIO.

Acceitar uma proposta de casamento não é ja assignar as escripturas, não é caminhar logo para a igreja. D. Luiz, saiba o que pouca gente sabe hoje em Lisboa. A doença d'elrei é mais grave do que se diz. Espalham que vai para Salvaterra... mas a sua mais proxima jornada hade ser a San'-Vicente-de-Fóra.

SIMÕES, atterrado e olhando para as portas.

Estes meus caixeiros que são tam curiosos...
Se elles...

IGNACIO.

Não ouvem, Simões; não tenhas medo. (*áparte*) E que ouvissem, ja não ha tempo de...

LUIZ.

E como quer o padre Ignacio que eu acceite, que dê a minha palavra para... para quê?.. para faltar a ella?

IGNACIO.

Faltar! Não é faltar. é...

LUIZ.

Quebrá-la, ser um indigno, um villão-ruim!... Meu padre, esse homem tirou-nos bens, titulos, grandeza, a liberdade, a vida. Uma só coisa nos deixou... uma coisa que elle mais que todas quizera tirar-nos, mas não chega lá o seu podèr. A minha honra, quer que lh'a va eu intregar?

IGNACIO.

Não, D. Luiz; dê-lhe a vida de seu pae. De seu pae que está agonizando... que, se hoje o não tirarem dos calabouços da Junqueira, alli morrerá ao desamparo... sem uma voz de amigo que

o conforto... sem uma mão que lhe aperte a mão que esfria... sem a piedade dos homens, sem o auxílio da igreja... sem um filho que lhe vá cerrar os olhos!...

LUIZ.

Padre, padre, não é isso tentação, não é isso forçar-me?... Não é d'isso que accusam a Companhia? Como se combinam com isto, oh meu Deus! as sublimes doutrinas, os generosos principios que ainda agora escutei, que me arrebataram?...

IGNACIO.

Esperava a reconvenção, filho; e não me offende. Conselhos de Jesuita! É o que quer dizer... moral de Jesuita! Estamos affeitos a ouvir isso todos os dias, a lê-lo em quanto mascavado folheto de papel pardo por ahi se imprime. Entre dois males forçados, necessarios, inevitaveis, optar pelo menor é a nossa doutrina.

LUIZ.

E perder a honra, padre Ignacio?...

IGNACIO, sabindo.

Não, filho honrado, perca seu pae.

LUIZ, correndo atraz d'elle.

Padre, padre, por compaixão, padre Ignacio! tenha dó de mim... Meu pae, meu pae, meu pobre pae! — Simões, que heide eu fazer? Vamos atraz d'elle, vamos... Não, vai tu, Simões, traze-o. Quem sabe! póde ser... vejamos. Se se podesse achar algum meio? Meu pae agonizando... diz elle, elle que sabe tudo! Vai, Simões, vai, faze com que volte; traze-o por fôrça se é preciso; mas que venha. Vai, vai tu. Oh! meu Deus!

SIMÕES.

Vou, vou, meu senhor... Mas se elle não quizer...

SCENA VI.

LUIZ só.

Não hade querer... não me hade acudir n'este appêto? Será possível! Oh! e que lhe importa a elle, o Jesuita? Jesuitas! Será pois verdade quanto dizem d'estes padres? E todas aquellas bellas e sublimes coisas que ha pouco lhe ouvi, não seriam senão?... Não quero, não posso,

não devo crê-lo. Mas meu pae!... meu pae que morre por meu capricho! Capricho não é. Quereria elle, meu honrado pae, acceitar a vida por tal preço? Uma infamia! Meu Deus, meu Deus, que isto é indoudecer... A minha honra, a da minha familia! É verdade, é... mas... Mas se... mas ésta repugnancia que eu sinto para semelhante casamento, não virá ella tambem de outro motivo que eu mal me atrevo a confessar a mim mesmo?... Oh! aquella visão celeste que me appareceu em Sancta-Joanna-d'-Aveiro... aquella imagem que aqui anda no meu coração, e que todas as dores, todos os cuidados, todas as desgraças da minha vida não teem podido apagar!... Apagar, só a morte!... mas nem diminuir-lhe a viveza!... Meu pae, meu pae! ai, este meu coração, que tenho medo de entrar n'elle...

SCENA VII.

LUIZ, TIA-MONICA.

MONICA, fallando consigo.

Está tudo prompto; cama feita, quarto perfu-

mado, os lençoes de esguião com seus folhos... É um palmito o quarto da senhora minha sobrinha que eu nunca vi... nem sabia que a tinha, que ainda é mais! Mas diz meu irmão que é; seja. Vamos, vamos, que aqui ha outro parentesco, seja elle qual for... (*vendo Luiz*) Oh, Sr. Luiz! boas novas venham a mim: toca a alegrar-me esse rosto sempre triste, que se vai remoçar esta casa. Até eu me sinto outra. Com gente môça me mate Deus, que para velha basto eu!

LUIZ.

Bons dias, tia Monica!

MONICA.

Tia Monica: diz bem. Hoje é que eu comêço a ser tia Monica devéras. E que festas que a rapaziada hade fazer á tia Monica!... Ja se sabe porquê.

LUIZ.

Nãe a intendo. Muito alegre está hoje! (*á parte*) E Simões sem voltar! Se iria devéras o padre e que não queira tornar? É impossivel. (*alto*) Pois olhe, tia Monica, esteu hoje mais triste do que nunca.

MONICA.

Sabe que mais, Sr. Luiz? tome o meu conselho, e deixe-se de cuidados. Um rapaz da sua idade, com esse ar e essa figura...

LUIZ.

Tam rapaz sou eu? Ai tia!

MONICA.

Isso! faça-se velho: não lhe falta mais nada... Que vergonha! sempre triste, sempre melancólico! valha-o Deus! Divirta-se. gose da vida, olhe que a mocidade acaba cedo.

LUIZ.

Eu não tive mocidade, minha boa Monica; saltei, do berço quasi, para os cuidados de homem feito; tem-se-me ido a vida a esperar e a soffrer... e estou quasi velho.

MONICA, rindo

Não verã o velho! Ora não seja criança. Olhe: tenho um segredo, que o não hade saber o boiças do Zé-braga nem o bonifrate do Zephirino... e ao senhor heide-lh'o dizer, que é um rapaz de juizo, e que me cahiu em graça pelo seu bom modo. (*áparte*) Parece um fidalgo o diacho do cai-

xeiro, com aquelle ar de gente que tem... Deus me perdoe !

LUIZ.

Ora venha lá o segredo, tia Monica. E é só para mim, este ?

MONICA.

Só. E cuidado com o mano Simões, e mais com o padre Ignacio... que se elles sabem que eu fallei...

LUIZ.

O padre Ignacio ! (*áparte*) Que será isto ? (*alto*) Diga, diga : bem sabe que fallo pouco de meu natural.

MONICA, com mysterio.

É uma rapariga linda e rica... e com um dote!...

LUIZ.

Uma rapariga ? .. quê... como ?

MONICA.

Dezesette a dezoito annos... va que sejam dezenove !... E que fossem vinte !... se ella é môça, se é formosa como um anjo : dizem elles todos ?... Lá de cima, do Porto ou da Beira, d'essas terras lá de Tras-os-montes. Só moios de milho, parece

que são mais de vinte. Quanto é vinte moios de milho, Sr. Luiz?

LUIZ, abhorrecido.

É uma figa, tia Monica: sabe o que é?

MONICA.

Essa palavra agora é que não foi sua!... o Sr. Luiz, que era o meu válido!...

LUIZ.

Tem razão, tia Monica; perdoe.. Mas é que... Se soubesse como eu estou hoje! — Ora vamos: o segredo então é?...

MONICA.

Eu lh'o digo. Hontem á noite, era ja muito tarde, ia-me eu deitar; tinha sabido n'aquelle instante o Sr. marquez, que esteve ca com' o mano até alta noite: chama-me elle do seu quarto, e diz: 'Monica!'

LUIZ.

Quem, o marquez?

MONICA.

Ora, Sr. Luiz! — Não senhor, o mano Simões: o marquez ja se tinha ido. Vou-me eu ao quarto d'elle, e quem havia de eu lá achar?

LUIZ.

O marquez.

MONICA.

Não senhor : valha-me Deus ! Se o marquez ja se tinha ido... não lhe disse ? Nada, não : sabe quem ? o padre Ignacio muito agachadinho.

LUIZ.

O padre Ignacio ! Então tinham estado todos tres junctos, em conferencia. O padre Ignacio com o marquez de Pombal !... Ah Jesuitas !...

MONICA.

Sempre é muito bom rapaz, muito simples ! Lá ia o padre Ignacio mostrar a sua carinha de frade da Companhia — que ficou tal e qual como era, menos a roupeta, o mais é o mesmo ! — o padre Ignacio ao marquez de Pombal ! Essa faz-me rir. Mas olhe : (*muito em segredo*) em o mano Simões estando no quarto, fechado com o marquez, conte certo que está o padre Ignacio por perto. Como elle o faz é que eu não sei. Mais é um bom padre... lá isso é. Elle confessor, elle tudo. Não, se todos eram como este !...

LUIZ, á parte.

O caso começa a ser grave. (*alto*) Comquê então estava lá o padre Ignacio?

MONICA.

Como lhe digo : com aquella sua carinha composta e risonha. E o mano triste !... E diz-me o mano : ‘ Monica, ámanhan hade preparar o quarto ‘ grande que era de...’ Era o da defuncta... de minha irman... Nunca falla n’ella, o pobre do Simões, sem se lhe arrazarem aquelles olhos. — ‘ A melhor roupa da casa, as commodas inglezas, as cadeiras de damasco azul, tudo o que ‘ houver mais fino em casa ; que vem minha sobrinha ’ disse elle. — ‘ Sobrinha ’ resmunguei eu ca commigo : ‘ donde vem e donde estava ésta ‘ sobrinha ? ’ Mas a elle não lhe disse nada, que lhe tenho um medo... O Sr. Luiz bem sabe. — E sai de lá o meu padrinho Ignacio, todo sopinhas de mel, guardaste-me d’ellas : ‘ É a Marianinha, bem sabe, aquella rapariga linda e ricca ‘ que estava em Sancta-Joanna-d’-Aveiro : a tia ‘ Monica bem sabe.’ Pois não sei ! nunca em tal ouvi fallar.

LUIZ.

Em Sancta-Joanna !...

MONICA.

‘ Sancta-Joanna ’ disse eu ‘ não póde ser, pois ‘ se eu nunca... ’ ‘ Em Sancta-Joanna-d’-Aveiro ’ tornou-me o bom do padre : ‘ a tia Monica bem ‘ sabe. ’ — Sei, sim senhor ; pois não sei ? sei muito bem. — ‘ É a sobrinha ca do nosso Simões ’ disse elle mais ‘ vem ca para casa : é preciso pô-la ‘ á moda, dar-lhe o ar da côrte, e ver se a casá- ‘ mos cedo. ’

LUIZ, á parte.

Que estranho mysterio ha em tudo isto !

MONICA.

O mano Simões incolheu os hombros, e com aquelle bello modo que Deus lhe deu quando falla commigo : ‘ Va, Monica, va ; ámanhan quero ‘ tudo prompto. Á volta do meio-dia chega minha ‘ sobrinha, e tudo hade estar feito. E Deus a li- ‘ vre, Monica, de que alguem n’ esta casa sonhe... ‘ Sonhar só ! intende ? Va-se deitar. ’ E eu vim... qual deitar-me ! puz-me a lidar, andei com os bahus ás voltas, bati colxões, sacudi roupas... Eram nove horas, ésta manhan, ja o quarto esta-

va prompto. Veio vê-lo o padre Ignacio em pessoa hoje, haverá uma hora...

LUIZ.

Uma hora!

MONICA.

Sim, não ha mais: esteve-o vendo muito bem, e disse-me: 'A tia Monica é uma pessoa de primor.' Mesmo assim m'o disse. — 'Está o quarto de uma condessa.' Eu andei á roda d'elle, a ver se lhe pescava... se percebia... Mas o padre é fino! Só me disse dos vinte moios de milho e dos dezeseis, dezeseite annos. Que eu sempre lhe deito pelos vinte para me não inganar. — E então, não é um segredo de dizer a um amigo, hem? E não se me alegra esse rosto com a noticia?

LUIZ.

É um segredo, tia Monica, um verdadeiro segredo... e bem extraordinario! — E então seu irmão tinha essa sobrinha em Sancta-Joanna-de-Aveiro?

MONICA.

Diz elle que sim... E verdade seja, o mano Simões é lá d'essas bandas. Elle é certo que ja

ca estava ha muito em Lisboa quando casou com minha irman... mas Deus sabe as sobrinhas e sobrinhos que por lá tinha deixado. Isso é certo... mas nunca lhe tinha ouvido fallar em tal. Tambem porque não hade ser?

LUIZ.

Sera, sera. E porque não hade ser? diz bem.

SCENA VIII.

LUIZ, MONICA, ZÉ-BRAGA.

ZÉ-BRAGA.

Tia Monica, tia Monica! uma liteira que parou á porta da cassa, e pergunta se é aca que mora o sor Manuel-Simões e Companhia. E eu dixele que sim, que era aca: que num staba em cassa o sor Manuel-Simões, mas que staba a Companhia. E sahiu uma rissadinha de dentro da liteira, uma rissadinha fina e assucarada, e uma bózinha de seraphim que perguntou: 'Qu' é d'ella a Companhia?' — 'Que sou eu, minha senhora.' — 'É uma senhora que está dentro: xa percebeu, tia Monica? Num percebeu? Ora se ha-

bia de perceber ! Quem, a tia Monica que é mais fina !... ‘ Mas bai ’ dixe-l’eu ‘ Que sou eu, minha ‘ senhora, o Zé-Braga, que assim me chamam ‘ por ca, e o Zephirino que abi bem, e o sor Luiz ‘ e a tia Monica que stão la em xima para serbir ‘ a bossinhoria.’ Num respondi vem, tia Monica ?

MONICA.

Para um boiças, não foi mal. — É ella, Sr. Luiz ; vamos lá : o mano não está em casa...

ZÉ-BRAGA.

E beem duas, tres, quatro, num sei quantas vestas de carga — mullas hãode sêr, com tantos guissos... e fagem uma vulha ! Stão os caigeiros todos ás portas pasmados a olhar, e toda a xente pelas xanellas... E tudo é schismarem quem será, donde birá ? E ninguem save, nem xiquer eu ! O Zephirino lá ficou, e eu bim dar-lhe parte... Mas espere, espere, querem ber que é ella ? E ail-o Zephirino ! o que é que elle traz, o Zephirino ?

SCENA IX.

MARIANNA *em trajes de viagem*; ZEPHIRINO *com um regallo n'uma mão, um sacco de damasco na outra*; UM CALECEIRO, E GALLEGOS *com bahus, mallas etc.* MONICA, LUIZ, ZÉ-BRAGA.

MARIANNA.

Ai! que graça que elles teem! Esperavam um bicho, apposto eu. Estão pasmados de me ver com cara de gente. Ja vejo que me heide divertir muito em Lisboa. Então onde está este senhor *meu tio*, Manuel-Simões?... e Companhia, como elles dizem... (*vendo Luiz*) Ah!...

LUIZ, vendo Marianna.

Ah!

MARIANNA.

Aqui!... Pois?... Não é ésta a casa do Sr... (*tira uma carta e repara no sobrescripto*) do Sr. Manuel-Simões e Companhia, rua Augusta, á esquina de?...

LUIZ.

Ésta, minha senhora, ésta mesma... e eu que tenho a honra de ser seu... seu...

MARIANNA.

Seu?...

LUIZ.

Seu principal caixeiro e guarda-livros.

MARIANNA.

Seu principal caixeiro e guarda-livros? o senhor!... de Manuel-Simões!... de *meu tio*, Manuel-Simões... mercador na rua Augusta?

LUIZ.

Sim, minha senhora; e na sua ausencia prompto a receher as ordens da senhora sua sobrinha.

MARIANNA.

É verdade... é notavel.

ZÉ-BRAGA.

E aqui stá tamvem o Zé-braga que xá tebe o gôsto...

MARIANNA.

Ah! o Sr. Zé-braga — gallante nome! O Sr. Zé-braga é?...

ZÉ-BRAGA.

Camarada aca do sor Luiz, caixeiro do valcom, e de fóra tamvem...

MARIANNA.

Oh! muito bem. E ésta senhora?

ZÉ-BRAGA.

À tia Monica.

MARIANNA.

A tia Monica?

MONICA.

Monica Benavides, uma sua criada. (*áparte*) Criada! Pois ella não é quasi minha sobrinha?... Mas tem um ar... Nunca heide tomar geito de lhe chamar sobrinha. (*alto*) Monica Benavides, irman de quem Deus tem, que era a mulher do mano Simões que...

MARIANNA.

Excellentes companhia! (*áparte*) Estou n'um sonho; isto não póde ser devéras. Luiz de... aqui!... caixeiro do tal senhor meu tio! Eu sobrinha da tia Monica! É uma comedia, e parece-me que hade ser divertida: façamos o nosso papel... (*alto*) Minha querida tia Monica...

LUIZ, *áparte*.

É sobrinha, não ha dúvida... Que pena!

MONICA, *áparte*.

Pois desdigo-me: é minha sobrinha, não ha ingano. Só aquelle lindo modo!

MARIANNA.

Se eu soubesse, querida tia, onde era a minha camera...

MONICA, á parte.

A sua camera! uma sobrinha da provincia, e as fallas que tem! Estou vendida. (*alto*) Vou ja mostrar-lh'a: estou morrendo que a veja, minha...

MARIANNA.

Sobrinha, diga sobrinha. Então não sou sua sobrinha?

MONICA.

Pois sobrinha: seja. Não tinha geito, mas logo o tómo: deixe estar. Com uma sobrinha tam linda, com tam bonito modo! Faz gôsto ter uma sobrinha assim... Não é verdade, Sr. Luiz?

LUIZ.

É verdade, é. . mas parece-me um sonho!

MARIANNA.

Tambem a mim! Faz favor, tia Monica, de mandar buscar... Eu não trouxe os meus criados... de mandar buscar a minha bagagem, essas coisas...

MONICA, á parte.

Os seus criados !

LUIZ, á parte.

Não trouxe os seus criados !

MARIANNA.

Preciso de me vestir, tocar-me, cuidar um pouco em mim...

MONICA.

Ja, ja. Forte descuido meu ! Zé-braga, vamos ! tudo para cima. Vou preparar, vou arranjar... Verá que lindo quarto é, e como eu o puz, que palmito ! Vamos, Zephirino ! tudo no seu lugar.

SCENA X.

LUIZ, MARIANNA. ZEPHIRINO.

ZEPHIRINO, tornando a traz, e baixo a Luiz.

Oh Sr. Luiz, ella sempre é linda, a sobrinha do patrão !

LUIZ, baixo a Zephirino.

Achas ?

ZEPHIRINO, baixo a Luiz.

Porquê ? Ó Sr. Luiz !... ai ! Eu ca vou-me ja

pôr de fatto novo, riçar este topete... Quem sabe? um rapaz da côrte... Ellas lá por cima não veem d'isto...

LUIZ.

Fazc-lhe as diligencias : está ao talhar para ti.

ZEPHIRINO, baixo a Luiz.

Devéras, acha?

LUIZ.

Acho.

SCENA XI.

MONICA, MARIANNA, LUIZ, ZEPHIRINO.

MONICA, voltando.

Vamos, venha, minha... minha sobrinha. O toucador está prompto, a cama feita...

MARIANNA.

Não me quero deitar.

MONICA.

Ai! é verdade, o que me esquecia!... o caldo de gallinha que tambem está feito. Não me descuidei, deixe estar. Sr. Luiz, faça um bocadinho de companhia a ésta senhora, que eu ja venho.

Pobre menina! ainda não janton... querem ver?
Vou ja buscar o caldo de gallinha.

MARIANNA.

Não; antes no meu quarto.

MONICA.

Pois então espere aqui um nadinha. Anda d'ahi,
Zephirino.

ZEPHIRINO.

Sr. Luiz!

LUIZ.

Hem?

MONICA.

Sr. Luiz, converse-me com ésta menina, mostre que é da còrte. Jesus, que rapaz! E dizer que andou por França, por essas terras... e acanhado assim! Oh! rapazes do meu tempo!

ZEPHIRINO, baixo a Luiz.

Sr. Luiz, metta assim um palavrinha na conversa a meu respeito, diga que a gente ca que...

LUIZ.

Não sera preciso... mas se for...

ZEPHIRINO.

Sempre é bom, sempre é bom. Ande-me com ella.

SCENA XII.

MARIANNA. LUIZ.

LUIZ, á parte.

Estava quasi indo-lhe ja fallar no amor do caixeiro... era o melhor despique... Mas não, desinganemo'-nos primeiro. (*alto*) Será verdade, minha senhora, isto que eu estou vendo com os meus olhos, ouvindo com os meus ouvidos? D. Marianna de Mello, a secular de Sancta-Joanna-d'-Aveiro, aquella menina que eu vi com sua tia... duas vezes só, é verdade... mas que nunca mais pude esquecer!...

MARIANNA.

O caixeiro é gallante.

LUIZ, á parte.

O caixeiro! tem razão. Que mais sou eu, e que direito tenho? (*alto*) Aquella menina tam espiituosa, tam gentil, e que... tam... tam...

MARIANNA.

Tam fidalga lhe pareceu... Não é isso? Ora veja: pois não era senão a sobrinha do Sr. Ma-

nuel-Simões. Ha inganos n'este mondo. Tambem eu, quando vi em Aveiro um rapaz que se dizia...

LUIZ.

Que simplesmente se dizia o amigo e recomendado do padre-ignacio.

MARIANNA.

É verdade : mas que se deu ares...

LUIZ.

Ares, minha senhora ! A gente como eu... não precisa...

MARIANNA.

Muito bem, muito bem : não fallemos mais n'isso. O que está visto é que, sem querer talvez, nos inganámos um ao outro. Em Lisboa e n'esta casa, a sobrinha de Manuel-Simões... e o guarda-livros de Manuel-Simões... Creio que este é o seu logar na familia...

LUIZ.

Tenho outro mais importante ainda : sou sobrinho tambem.

MARIANNA.

Oh ! sobrinho tambem ? Melhor. Somos uma especie de primos. Que delicioso parentesco ! não acha ?

LUIZ, á parte.

— Como me tratta, inda em cima!

MARIANNA.

Pois bem, senhor primo, e senhor guarda-livros... (*á parte*) Que ridicula historia! Estou corrida e desesperada! (*alto*) Aqui em Lisboa devemos ambos esquecer-nos do que se passou ha dois annos em Aveiro. Creio que posso contar...

LUIZ, fazendo um profunda cortezia.

Com o respeito e discrição de um... homem de bem.

SCENA XIII.

SIMÕES, PADRE-IGNACIO, MARIANNA, LUIZ.

SIMÕES.

Ca está ella. Como é guapa! Oh! e só aqui com D. Luiz, e em conversação tam animada! Saberão elles?... Não é possivel. (*alto*) Minha senhora, ésta honra, este gôsto...

MARIANNA.

O Sr. Manuel-Simões?... meu tio? não é assim?

SIMÕES.

Certamente, ésta casa é de seu tio, minha senhora, e...

LUIZ, baixo ao Padre-Ignacio.

Padre, padre, estou resolvido, tómo o seu conselho, mudei inteiramente de opinião. Vamos soltar meu pae.

IGNACIO.

Ah! cabiu em si? Depois que o deixei, encontrou razões?... (*olhando para Marianna*).

LUIZ.

Sim, padre: razões que abalaram toda a minha fé, que destruíram todas as chymeras do meu espirito, que desvaneceram todas as illusões do meu coração. Não vivo ja, não quero viver senão para meu pae. Casarei com essa mulher que nunca vi, que detesto ja sem a conhecer... Mas não importa... eu...

IGNACIO, áparte.

Que enigma é este? Aqui anda inrêdo grande que nem eu intendo... Ah!... ah! ja percebo. Bem: melhor é assim. (*alto*) Foi Deus que lhe tocou o coração, filho. Agradeça-lh'o e dê-se por feliz.

LUIZ, baixo ao Padre-Ignacio.

Feliz eu! Ah! se soubesse...

IGNACIO, baixo a Luiz.

Sei.

LUIZ, baixo ao Padre-Ignacio.

Sabe.?

IGNACIO, baixo a Luiz.

Sei... O que é que eu não sei, meu filho?

SCENA XIV.

MONICA, SIMÕES, PADRE-IGNACIO,

MARIANNA, LUIZ.

MONICA.

Ora enfim, minha rica senhora, agora vamos. Mano, deixe ésta pobre menina, que ha meia hora que aqui está infadando-se.

MARIANNA.

Meus senhores...

IGNACIO, baixo a Luiz.

Que-lhe parece D. Luiz? É gentil, é uma dama perfeita: não é?

LUIZ, áparte e cortejando D. Marianna.
Sobrinha d'elle!

MARIANNA, áparte cortejando a Luiz.
Um caixeiro!

IGNACIO, baixo a Simões.
Como vai a coisa?

SIMÕES, baixo ao Padre-Ignacio.
Mal.

IGNACIO, áparte.
Vai bem, bem, optimamente!

ACTO SEGUNDO.

Outra sala mais reservada em casa de Manuel-Simões que se vê communicar com a do primeiro acto. Porta no fundo, e portas aos lados.

SCENA I.

MARQUEZ, SECRETARIO.

MARQUEZ, ao bastidor.

Que não entre ninguém aqui! (*na scena*) São oito horas da noite: tenho tempo ainda. (*para o*

secretario) Ponha essas pastas ahi, e vamos a isto; prepare-se para escrever. Fazemos hoje gabinete em casa de meu compadre Manuel-Simões. É mais seguro do que no paço... Oh! o paço... do que na secretaria d'Estado. Ah! estão montados os meus dragões?

SECRETARIO.

Sim, meu senhor, e promptos á primeira voz.

MARQUEZ.

As tropas em armas nos quartéis?

SECRETARIO.

Tudo está como V. Ex.^a ordenou: a guarnição toda em armas, artilheria de morrão acceso.

MARQUEZ.

E o espirito da tropa?

SECRETARIO.

Os commandantes respondem dos soldados; e se o povo...

MARQUEZ.

O povo!... Oh! o povo... Que dizem hoje os meus agentes secretos? Extractou toda essa papelada?

SECRETARIO, que se sentou a uma banca revolvendo as pastas.

Pela maior parte. Mas ha algumas cartas aqui que V. Ex.^a hade desejar ver na sua integra talvez...

MARQUEZ.

Pois quê?... temos conspiração, temos Jesuitas, temos?... Deixe ver. (*péga nas cartas; e abrindo uma*) Da bella e puritanissima condessa. (*lé*) 'A princeza sabe tudo... estamos perdidos.' (*falla*) Sabe tudo! não sabe tal. (*lé*) 'Veio o Jesuita fallar com ella, e estiveram muito tempo 'em conferencia.' (*falla*) Ah meu padre-Ignacio, cuidavas tu que eu?... (*lé*) 'O principe está furioso, e prometteu...' (*falla*) Prometteu? Que havia de elle prometter? Uma novena a algum dos registos de sanctos que traz dentro da cabelleira. Coitado! Para prior do Crato excellente... mas para rei!... Que viva mais oito dias D. Jose I, e eu lhe direi se o seu successor precisa de fazer mais nada do que accrescentar um ponto ao seu nome.

SECRETARIO.

Ésta outra carta...

MARQUEZ, tomando-a.

Do meritissimo corrêgedor dos Romulares. *La robe et l'épée*: todos ca estão no livro preto... ou livro de ouro, que é mais exacto. (*lé*) ‘Ésta tarde, da uma para as duas, chegou a casa do mercador da rua Augusta, Mauuel-Simões, casa notada lettra C...’ (*falla*) Ahahah! Manuel-Simões! meu compadre!... O corregedor é experto. Casa notada! (*lé*) ‘Chegou a casa do mercador... tal, tal, tal... uma litteira com uma senhora môça, e grande trem de bagagem!’ (*falla*) É minha sobrinha, minha sobrinha que chegou. (*levanta-se*) Oh! isto é mais serio... À uma para as duas da tarde! São oito horas — e Manuel-Simões sem me apparecer... eu sem saber nada! Seis horas, seis horas perdidas! Ah meu compadre! (*ao secretario*) Toque essa campainha... (*toca-se a campainha*) toque mais, mais forte. (*toca-se*) E chego eu aqui, Manuel-Simões fóra de casa... E os estupidos dos caixeiros não me dizem nada. E ella, minha sobrinha, onde estará ella? Aqui hade estar... Toque outra vez a campainha. (*toca-se*) Como assim! não ouvem, ou será?... Ai Simões, Simões!

SCENA II.

ZEPHIRINO, MARQUEZ, SECRETARIO.

MARQUEZ.

Oh! finalmente. Manuel-Simões onde está, teu amo?

ZEPHIRINO.

Sabera V. Ex.^a que elle... elle...

MARQUEZ.

Elle o quê, pateta?... Onde foi, quando volta?

ZEPHIRINO.

Não sei dizer, meu senhor. Mal chegou a menina, ésta senhora que é sobrinha ca da casa, sahiu logo.

MARQUEZ.

Sahiu quem, a sobrinha?

ZEPHIRINO.

Nada, não senhor, pobre menina! pois ella havia de sahir?

MARQUEZ.

Então explica-te, vejamos, e falla claro.

ZEPHIRINO.

Sabiu, foi o patrão, desde que ella chegou, e

ainda não voltou; ha bem tempo. E mais sahio na mullinha por signal.

MARQUEZ.

De mais a mais, sahio a cavallo.

ZEPHIRINO.

Elle sim, acavallo! (*rindo*) O Sr. marquez está brincando... O patrão acavallo!...

MARQUEZ.

Pois não disseste?...

ZEPHIRINO.

Na mullinha, sonhor, na mullinha.

MARQUEZ.

Pateta!... E então a minha... a senhora... essa senhora que chegou, está deitada ja?

ZEPHIRINO.

Deitada, não sei; mas hade estar descansando. Ora, uma viagem tammanha! mais ella não parecia muito cansada. Vinha tam perfeita, benza-a Deus! Bem se póde gabar o patrão que tem uma sobrinha...

MARQUEZ, zombando.

Comefeito! Agrada-te? hem?

ZEPHIRINO.

Se me agrada! E dizer que é lá da provincia,

que nunca esteve em Lisboa, e o modo que ella tem! Ca nos arruamentos não ha quem se lhe ponha ao pé.

MARQUEZ, rindo.

Muito me contas! Com que, bonita, hem?

ZEPHIRINO.

Bonita! Aquillo é... Ora Sr., V. Ex.^a está-me fazendo fallar para... mas não importa. Eu digolhe a verdade: é uma rapariga qu'a gente...

MARQUEZ.

Que a gente o quê?

ZEPHIRINO.

Qu'um homem... E Jesus!

MARQUEZ.

Pelo que vejo, gostas d'ella?

ZEPHIRINO.

Ah senhor! Se o patrão... Elle tem-se visto coisas mais extraordinarias. Inda que eu não sou senão segundo caixeiro, e o Sr. Luiz!... Oh, lá o Sr. Luiz é outra coisa; mas esse! esse sim!

MARQUEZ.

Esse?...

ZEPHIRINO.

Esse não quer... esse quer lá!...

MARQUEZ.

O que é que não quer o Sr. Luiz?

ZEPHIRINO.

O Sr. Luiz não é ca como a gente. Não é que elle a não ache bonita, que eu bem vi.

MARQUEZ.

Ah! tu viste!... O que é que viste? Dize-me.

ZEPHIRINO.

Ora o Sr. marquez quer rir...

MARQUEZ.

Protesto-te que nunca fallei tam serio; interesso-me devéras por... por essa sobrinha do meu compadre. Com què, tu viste?

ZEPHIRINO.

Ora, o que eu vi não é nada. Mas sempre vi o nosso querido Sr. Luiz que lhe deitou uns olhos... mas por outra parte, elle mesmo me disse: 'Anda Zephirino que está ao talhar para ti.'

MARQUEZ.

Ah! elle disse isso?

ZEPHIRINO.

Disse; mas eu bem n'ó intendo. Era como quem dizia: 'Ca eu...'

MARQUEZ.

Ca eu?...

ZEPHIRINO.

Ora senhor!

MARQUEZ.

Falla, homem, explica-te.

ZEPHIRINO.

Não senhor, lá isso não digo.

MARQUEZ, severo.

Não dizes!... perguntando eu!

ZEPHIRINO, resolutamente.

Não senhor. V. Ex.^a póde fazer de mim o que quizer, estou nas suas mãos: mas atraçoar eu os meus camaradas!...

MARQUEZ, áparte.

Ou la vertu va-t'elle se micher! O character e a honra refugiaram-se atraz do balcão. (*alto*) Muito bem, Sr. Zephirino, não lhe quero mal por isso: guarde o seu segredo. Mas para outra vez guarde-o de quem o não souber: para o Marquez de Pombal não ha segredos. Intende? O Sr. Luiz julga-se muito alta personagem para minha... para a sobrinha do patrão... Bem. Cuidavas tu que eu não sabia quem era o Sr. Luiz?...

ZEPHIRINO.

Oh senhor!... eu não é que o disse. Misericórdia! eu não disse nada. Sr. marquez. por compaixão! (*á parte*) Pobre Sr. Luiz coitado! (*alto*) Oh senhor, não o mande para as Pedras-negras, não o... (*á parte*) não o intaipe...

MARQUEZ, rindo.

Vai descansado: juro-te que lhe não succede mal nenhum, ao contrário. Vai, vai, e vai-me buscar Manuel-Simões, que venha logo aqui. (*Zephirino sai*).

SCENA III.

MARQUEZ, SECRETARIO.

MARQUEZ, passeiando.

O medo que elles teem de mim todos! Triste coisa é o podêr! fatal missão a minha! Mas sem este podêr, que tantas vezes é obrigado a ser cruel, como se havia de regenerar ésta nação perdida, refazer este povo degenerado! Ah! se a posteridade me fara um dia justiça? (*péga nos papeis*) Oh! a parte do Sr. corregedor! Não acabei de a ler... (*lé*) 'Uma senhora com grande

‘trem de bagagem... tal, tal tal... não se sabe quem é, mas suspeita-se...’ (*falla*) Que suspeitará o animal do corregedor? (*lê*) ‘por ver para lá entrar, logo depois, um certo clérigo mal conceituado que dizem ser Jesuita...’ (*falla*) Ora aqui têm em que mãos anda a policia! O padre Ignacio, Jesuita em corpo e alma, que me serve, coitado! cuidando servir-se a si e aos seus, mas que eu deixo na pia crença de que me ingana — porque assim me convem — aqui têm o Sr. corregedor que apenas o suspeita de Jesuita! (*lê*) ‘Que dizem ser Jesuita...’ (*atira com a carta*) Ai que gente, que gente! Pobre Portugal se eu!... E somos chegados á crise enfim. Elrei... (*para o secretario*) Saia, senhor, e em vindo meu compadre. que me chamem logo.

SCENA IV.

MARQUEZ, só.

Estou perdido... perdido sem recurso. ‘V. Ex.^a não é camarista’ me disse hoje aquelle insolente, e não me deixou entrar na camera d’elrei.

E agora morre, não ha dúvida. E a reacção é infallivel... reinado de frades e beatas! Que me farão elles a mim? — A mim! que hãode fazer? Tremar deante de seu senhor, escravos! não me perdem assim o medo, não. — E quem sabe?... Degradam-me, confiscam-me... inforcam-me talvez... Sim? pois até á ultima carta jogaremos... E quem perder pagará. — Oh! e meus filhos! e ésta casa que tanto custou a fazer... e tudo isto perdido!... Não pode ser, não hade ser. Ainda ha muito recurso, ainda tenho muitos amigos, ainda posso conceber algum meio. Este casamento, é preciso fazê-lo, ja ja, e hoje... Hoje hade ser, hoje. Oh se elrei!... mas elrei está muito mal; não ha tempo a perder. Silencio, ânimo! que ahi vem o Simões. (*senta-se*)

SCENA V.

MARQUEZ, MANUEL-SIMÕES.

MARQUEZ.

Ora venha, Sr. compadre, venha, que aqui estou ha nma hora á sua espera. Então como che-

gou minha sobrinha, como a acha, que me diz? E por onde anda o Sr. compadre desde as duas horas da tarde que ella chegou?

SIMÕES.

Meu senhor, tenho corrido tudo á sua procura, fui á Ajuda, fui ao seu palacio; tenho andado, que se não fosse a minha mullinha...

MARQUEZ.

A mullinha do meu compadre é prudente e pausada como elle, meu amigo. Mas enfim Marianna chegou. É preciso, ja ja, mandar chamar modistas, costureiras, cabelleireiro... pôr-m'a á moda. Ja sei que é bonita, bom é. É experta, tem juizo?

SIMÕES.

Sobrinha de V. Ex.^a...

MARQUEZ.

Bravo! Estás um cortezão perfeito, Simões. E querias ser d'aquella estúpida mesa do Bem-com-mun, tam reles e villan! Ve lá, desde que te eu fiz da Junta-do-commércio, se não tens outro ar. *(fica pensativo, levanta-se depois, e passeiando)* Com estes é que eu os mato devéras, os meus fidalgos. Elevar a classe média, tirá-la do nada

do povo, desligá-la dos interêsses d'elle! riqueza, saber, fôrça, tudo fica no centro. E para aqui o throno, que é o seu logar. (*chegando-se familiarmente a Manuel-Simões*) Em Inglaterra, não é assim, meu Simões: a nobreza e o povo são muito lá, que ha liberdade. Ca temos a sciencia certa, o podêr supremo... havemos de ir mais depressa e melhor. Tu... tu (*zombando*) ainda tens teus ressabios d'aquella roupeta... hem? Vamos, vamos: não tenha medo, compadre. Foste Jesuita, mas isso ja lá vai. E apprendiz so... tu foste só apprendiz de Jesuita... Quantos votos fizeste tu? (*Simões aterra-se*) Bom, bom! não te afflijas: não fallemos mais n'isso. Acabou-se. — Ora pois: e o teu protegido?

SIMÕES, confuso.

Quem, meu senhor?... qual?

MARQUEZ.

Qual? D. Luiz. — Mas é verdade, ambos; que ambos entram no negócio: D. Luiz e o padre. — Então! casa o rapaz? Ajuda-nos o outro devéras, ou cuida que me hade lograr?

SIMÕES.

D. Luiz está resolvido, senhor: Convencemo'-

lo hoje : e foi o padre Ignacio que principalmente o decidiu.

MARQUEZ, reflectindo.

Sim ? notavel ! — Sera que?... não póde ser.— Diga-me, compadre, que se diz ca pela Baixa da doença d'elrei ?

SIMÕES.

D'elrei nosso senhor... não se diz... não se diz nada... Que se hade dizer ? — Em minha casa nada.

MARQUEZ.

Em tua casa ! que me importa a mim o que se diz em tua casa ? Na cidade, nos arruamentos.

SIMÕES.

Oh ! por ahi... dizem... dizem... que S. M. que está melhor, e que... que como V. Ex.^a tem saude e o despacho não parou...

MARQUEZ.

Não parou, não, que a previdente sabedoria d'elrei meu senhor antecipou instrucções e ordens para todos os casos emergentes. — Mas deixemos isso. Elrei está melhor, o seu incómodo não é nada. Fallemos de minha sobrinha. Está justo o casamento : dizes tu. Vamos a isso ja ;

hoje as escripturas feitas e assignadas. Elrei meu senhor, por sua real benignidade, manda intregar a D. Luiz a administração de todos os vinculos, capellas, commendas e bens livres que foram sequestrados a seu pae por suspeito de crime de alta traição. São as nossas condicções: bem sabes. Cumpro fielmente o que prometti. *(toca a campainha; apparece o secretario)*

SCENA VI.

MARQUEZ, SIMÕES, SECRETARIO.

MARQUEZ.

Sr. secretario, aquelles papeis que hontem trouxe o meu tabellião?

SECRETARIO.

Aqui estão, meu senhor.

MARQUEZ, folheando.

Escripturas. Hoje mesmo ás...— seja ás onze da noite — estara em minha casa o tabellião, as testemunhas e os nossos parentes. A essa hora apparecerás tu lá com... Póde retirar-se, Sr. secretario. *(retira-se o secretario)* Estaras lá com

minha sobrinha. Virá aqui uma carruagem da Casa buscá-los. Em outra irá o padre Ignacio com meu... com meu sobrinho... Meu sobrinho! Ah! eisaqui como elles são. Por traz, cobrem-me de maldicções... deante de mim, ajoelham para beijar a mão que os flagella! Cada vez desprezo mais os homens. —Vamos! tens intendido bem as minhas ordens? Tu com Marianna por um lado, o padre com D. Luiz por outro: ás onze horas em minha casa todos. Está dormindo ella?

SIMÕES.

Não sei, meu senhor; mas creio que não. Eu vou saber.

MARQUEZ.

Não é preciso: se dorme deixá-la dormir; que descanse. Basta que nos vejamos logo.— Os vestidos estão promptos?

SIMÕES.

Sim, senhor, em casa tudo.

MARQUEZ.

O cabelleireiro de aviso?

SIMÕES.

Tudo se fez como V. Ex.^a mandou.

MARQUEZ.

Beni. Não se me dava de a ver, mas... (*pucha o relójo*) não tenho tempo. (*repara em Simões que está triste*) Que é isso, Simões? que estás tu com essa cara tam triste, esse ar tam abatido? que queres? falla.

SIMÕES.

Senhor...

MARQUEZ.

Diz, não tenhas medo. Temos mais algum impenho dos teus, algum fradinho da mão furada, algum dos teus Jesuitas que eu tenha de proteger. Eu! Olha que tu sempre me fazes fazer coisas, Simões! Eu, o marquez de Pombal, protector de Jesuitas!

SIMÕES.

Meu senhor, não é nada d'isso; mas V. Ex.^a esqueceu-se...

MARQUEZ.

De quê?

SIMÕES.

Da principal promessa que fez a D. Luiz, a que mais o moveu, a que seguramente tem mais valor a seus olhos ..

MARQUEZ.

Promessa ! Qual ? Pois não lhe mando intregar a casa, tudo?...

SIMÕES.

Oh senhor ! e seu pae ?

MARQUEZ.

Seu pae, seu pae... Isso tem mais que se lhe diga : um preso d'Estado, suspeito de crimes...

SIMÕES.

Senhor, senhor ! mas V. Ex.^a prometteu. Senhor, por quem é, lembre-se...

MARQUEZ.

Estás certo que prometti ?

SIMÕES.

Certissimo ; e em nome de V. Ex.^a o assegurei a D. Luiz.

SCENA VII.

MARQUEZ, SIMÕES, SECRETARIO.

MARQUEZ, toca a campainha, entra o secretario.

Sr. secretario, aquelle aviso para o governador do forte da Junqueira ?

SECRETARIO.

Aqui está a sêllo volante.

MARQUEZ, severo.

Quem lhe disse que o fechasse a sêllo volante.

SECRETARIO.

A natureza da ordem; eu...

MARQUEZ.

A natureza da ordem? Pois Vm. mette-se a conhecer da natureza das ordens que eu dou? Sr. secretario quando se escreve a segunda linha de um aviso no meu gabinete, ja deve estar esquecida a primeira. Tem entendido? Lacre esse aviso ja. (*o secretario lacra o aviso*) Bem! dê ca. Mande chamar o padre Ignacio.

SIMÕES.

Eu creio que hade estar ahí. Quando eu entrei de fóra, entrava elle tambem: hade estar com minha irman Monica.

MARQUEZ.

Ah! está por ca? Logo vi que não havia de andar longe. Va chamá-lo. Sr. secretario, desça com essas pastas, metta-se na carruagem, e espere-me.

SCENA VIII.

MARQUEZ só.

A rainha quer que se soltem todos. Perdoe S. M. ; não póde ser. E o bispo de Coimbra? Oh! esse menos ainda. Est'outro não tem dúvida, o pae de D. Luiz. É uma clemencia que não tem perigo e que me faz bem a mim. Ah! se elrei melhorasse... Aqui vem o Jesuita.

SCENA IX.

MARQUEZ, PADRE-IGNACIO.

MARQUEZ.

Entre, padre, entre, e deixe-se d'essas humilidades hypocritas commigo. Bem sabe que o conhecido... que nos conhecêmos. O padre é meu inimigo.

IGNACIO.

Eu, senhor! quem sou eu para?...

MARQUEZ.

É um dos reverendos padres da companhia de

Jesus a quem eu fiz tirar a malditta roupeta, mas que ficou tam Loyola, tam solipso, tam jesuita como d'antes; que me tem por mais excommungado que o proprio Calvino, mas que acha, como o nosso amigo Tartufo — sabe? — que *Il y a avec le ciel des accommodements*.

IGNACIO.

Para fazer uma obra boa...

MARQUEZ.

É verdade: consigam-se os fins, sejam os meios...

IGNACIO.

Quaes forem. O marquez de Pombal Jesuita! Hade haver Jesuitas em quanto houver homens. O fim aqui é salvar uma familia illustre, honrada e infeliz. Os meios são fazer um serviço a V. Ex.^a — Tam deshonesto lhe parece o meio, Sr. marquez?...

MARQUEZ.

Bravo, padre! A resposta é feliz, e eu dou tudo por um bom ditto. Ora pois: assim é que eu o quero. Máscara fóra, e trattemos como de potencia a potencia... Que a sua ainda é uma potencia... descahida, é verdade: vossas reve-

rencias são uns reis desthronados — desthronados por mim! — mas ainda podem bastante. (*com intenção*) Ainda ha muita casa de commercio que gyra com enormes sommas, cujos verdadeiros senhores eu conheço; e, o que mais é, sei onde elles estão e as suppostas firmas que os cobrem. Intende-me, padre?

IGNACIO.

Intendo o que V. Ex.^a quer dizer; mas sei que está inganado.

MARQUEZ.

Eu nunca me ingano, padre.

IGNACIO.

Nem com a doença d'elrei?

MARQUEZ, turva-se.

Elrei!... (*serenando*) Elrei está melhor. Quem lhe disse?...

IGNACIO.

Ninguem me disse nada, Sr. marquez; mas elrei está muito mal hoje, muito peor, sem esperanças de vida. Talvez ámanhan...

MARQUEZ, assustado.

Ámanhan o quê?

IGNACIO.

Talvez ámanhan sentada no throno de Portugal a Senhora D. Maria I tenha de julgar...

MARQUEZ.

Julgar!

IGNACIO.

Ou de perdoar a quem lhe queria tirar a coroa, para a dar a seu filho...

MARQUEZ.

Padre!

IGNACIO.

V. Ex.^a exigiu que eu depozesse a humildade do meu estado, que lhe fallasse...

MARQUEZ.

Bem, bem! Mas elrei meu senhor ainda respira, eu ainda sou seu ministro...

IGNACIO.

E póde... continuar a sê-lo da filha... Quem serviu tam bem o pae... (*á parte*) N'esta cais tu por isso mesmo que é mais grossa!

MARQUEZ, descuidando-se.

Certo é que, se a princesa, minha senhora, quando chegar esse fatal dia que Deus affaste...

isto é, esse dia feliz em que para glória do throno e da nação...

IGNACIO, áparte.

Em que ficamos? é fatal ou feliz o tal dia?

MARQUEZ.

Se S. A., herdeira das augustas virtudes de seu augusto pae, quizer continuar o glorioso reinado que toda a Europa admira...

IGNACIO.

Deve conservar o ministro a quem toda essa glória se deve.

MARQUEZ.

A glória não é minha, é d'elrei meu senhor...
— Padre, fallemos claro, e deixemo'-nos...

IGNACIO.

De humildades hypocritas.

MARQUEZ.

Sim, senhor.

IGNACIO.

Nós somos uma potencia cahida, e V. Ex.^a uma potencia que está para...

MARQUEZ.

Para cahir! Talvez Intendamo'-nos pois.

IGNACIO.

É possível. É difficil, mas é possível.

MARQUEZ.

Estipulemos.

IGNACIO.

Estipulemos.

MARQUEZ.

Primeiro que tudo, este casamento hoje.

IGNACIO.

Concedido.

MARQUEZ.

Responde-me d'elle?

IGNACIO.

Respondo.

MARQUEZ.

D. Luiz ja viu minha sobrinha?

IGNACIO.

Ja.

MARQUEZ.

Sabe que é a noiva que lhe destinamos?

IGNACIO.

Não, nem convem que o saiba por ora.

MARQUEZ.

Mas d'aqui a duas, tres horas se hãode assignar as escripturas.

IGNACIO.

Então o sabera.

MARQUEZ.

E o pae?

IGNACIO.

O pae hade fazer o que lhe eu mandar, e o filho tambem.

MARQUEZ.

Aqui está a ordem para o governador do forte deixar entrar a V. Reverencia e a D. Luiz. Logo a dou a Simões.

IGNACIO, áparte.

Perdeste a partida, marquez de Pombal!

MARQUEZ.

Fechemos aqui o protocolo. O resto, depois de assignadas as escripturas. Continuaremos as negociações no meu gabinete. Tenho muito que fazer agora.

IGNACIO.

Tem, bem sei. A guarnição está toda em armas, as intrigas fervem.

MARQUEZ.

Como sabe?

IGNACIO.

Eu sei tudo.

MARQUEZ.

Sabe, sabe. Padre, até logo. D'aqui a uma hora hãode estar duas carruagens a essa porta; metta-se n'uma com D. Luiz, vão á Junqueira; e depois ás onze em ponto em minha casa.

IGNACIO.

V. Ex.^a sera obedecido.

MARQUEZ, tocando a campainha.

Alguem d'ahi!

SCENA X.

SIMÕES, MARQUEZ, PADRE-IGNACIO.

SIMÕES.

Senhor?

MARQUEZ.

Faze o que te ordenei, e adeus até logo!

SIMÕES.

Zephirino! Zé-braga! as tochas.

MARQUEZ.

Fica tu, e vai cuidar do que tens que fazer.
Toma. (*dá-lhe o aviso lacrado que traz na mão*)

SCENA XI.

SIMÕES, PADRE-IGNACIO,

IGNACIO.

Onde está D. Luiz?

SIMÕES.

No seu quarto.

IGNACIO.

Tornou a fallar com ella?

SIMÕES.

Não; Monica disse-me que não.

IGNACIO.

Bem. Eu volto d'aqui a meia hora. D. Luiz
que me espere.

SIMÕES.

Digo-lhe que temos a ordem? (*mostrando o aviso*)

IGNACIO.

Póde dizer. Mas não diga. Eu lh'o direi.

SCENA XII.

SIMÕES, depois MONICA,

SIMÕES.

Meu amo, meu pobre amo! que alegria, que felicidade! Ora vamos a isto, que são horas. Monica! Monica!

MONICA, de dentro.

Ahi vai, ahi vai. (*sahindo*) Jesus! como ésta casa anda! Estou sem cabeça. Uns a entrar, outros a sahir; este que me chama, o outro que me ralha! modistas, cabelleireiros! que desordem... Oh senhor! haverá algum noivado hoje n'esta casa, ou que é isto?

SIMÕES.

É um noivado: adivinhou, Monica.

MONICA.

Um noivado! E quem se casa? não sou eu...

SIMÕES, rindo

Não, por ora ainda não. Outro dia sera. Hoje é minha sobrinha.

MONICA.

Sua sobrinha! O mano está a brincar.

SIMÕES.

Estou a fallar serio.

MONICA.

Então para quando é, e com quem a quer casar? Pobre menina!

SIMÕES.

É para hoje.

MONICA.

Para hoje!

SIMÕES.

E ja.

MONICA.

Ora mano!

SIMÕES.

Não é — ora mano, nem ora mana. É que se casa hoje, ja, e que d'aqui a pouco se assignam as escripturas, e que é preciso que se vista. Ahi está tudo prompto, ahi estão as modistas com os vestidos, o cabelleireiro... Va fazê-la vestir.

MONICA.

Oh senhor do ceo! pois a éstas horas! a pobre criança estafada da jornada, e que ainda não dormiu! temos estado a conversar toda a tarde.

Ai! e que ricas coisas que ella sabe, e que me contou do convento, e de!...

SIMÕES.

Fez bem, e continue; converse com ella, in-tretenha-a. E sôbre tudo, que ninguem mais lhe falle; caixeiros, gente de fóra, seja quem for. Tome sentido. Eu vou sahir; d'aqui a hora e meia, duas horas, volto: quero achar D. Marianna prompta para me acompanhar.

MONICA.

D'aqui a duas horas! misericordia, e a Senhora a Grande me acuda n'estes trabalhos. D'aqui a duas horas! e ainda agora o cabelleireiro co-meçou.

SIMÕES.

O cabelleiro é Monsieur Frisone, homem capaz e desimbaraçado, francez de mãos e inglez de palavras, que falla pouco e trabalha muito. Ja estava prevenido, em poucos minutos ficará prompta de suas mãos.

MONICA.

Poucos minutos, senhor! Ésta gente não pensa no que diz; este homem realmente nunca bade saber o que é vestir uma senhora. Oh mano,

pois só os signaes, o pôr dos signaes ! o recortar do tafetá !

SIMÕES.

Patetice ! A Sra. D. Marianna, minha sobrinha, é ja formosa bastante por si, não precisa d'esses arrebiques. Que va sem signaes.

MONICA.

Sem signaes, e Jesus ! Aquelles olhos, tam lindos, mortos sem um signal preto que lh'os avive ! Oh mano, realmente diz coisas... Pobre menina !

SIMÕES.

Pois que leve quantos signaes quizer, com tanto que esteja prompta á hora dada (*o cabelleiro atravessa a scena*) Ahi foi o cabelleiro : vê ? não lh'o disse eu ? Ora va, va fazer entrar as modistas. Que m'a vistam, que m'a calcem, que m'a ponham de ponto em branco. E adeus ! Outra vez, Monica, outra vez lh'o repitto, e sentido commigo ! n'esta salla, aqui, nem n'essa camera, nem d'aquella porta para dentro, ninguem mais senão eu. (*reflectindo*) So se for...

MONICA.

Quem ?

SIMÕES.

O padre-Ignacio. Esse... esse não é ninguém.

SCENA XIII.

MONICA só.

Não é ninguém o padre-Ignacio! Eu quero indoudecer com isto. E o pobre do Sr. Luiz coitado! Que eu inda tenho os meus olhos; não me digam que não; e bem vi os que lhe elle deitava! Parecia-me outro homem! que animação, que!... E ella? Ella por modo que... E dizer que m'a vão casar assim de repente! Deus sabe com quem! Algum malaventurado que a não saiba estimar... Eu que ja ca tinha feito os meus planos tam bem feitos! nada não! que são mesmo ao talhar um para o outro. Como Carlos e Rosaura, por uma penna. Ella toda senhora, toda filagrana, toda gentilezas, que ninguém dirá senão que nasceu para andar na córte. Elle com aquelle ar de gravidade que parece mesmo um embaixadôr! Ai! Deus os fez, e bem feitos que os fez; mas para os juntar, não póde, não, que

se metteu no meio o Jesuita. E Deus me perdoe, que aqui anda elle, o mofino do padre-Ignacio, por mais que me digam, n'este inrêdo do casamento. Ora vamos lá, vamos ver a pobre da menina, a minha sobrinha — que eu em tal sobrinha não creio ainda, apesar de tudo. Sobrinha aquillo, de Manoel Simões! Está bom.

SCENA XIV.

MONICA indo a sahir encontra-se com LUIZ.

MONICA. — Misericordia! O Sr. Luiz aqui...

LUIZ.

Tia Monica!

MONICA. — Não sou tia Monica.

LUIZ. — Por caridade, oiça-me.

MONICA. —

Não tenho caridade, não tenho ouvidos, não tenho senão medo. E Jesus! va-se, va-se, ja, ande, senhor, não me perca, deixe-me, va-se.

LUIZ.

Que é isso, tia Monica, que tem, que lhe fiz eu?

MONICA.

Não me fez nada: va-se. Não tenho nada: deixe-me. Jesus, se o mano vem!...

LUIZ.

Não vem.

MONICA.

Quem lh'o disse?

LUIZ.

Sei-o eu. Foi-se, e não torna tam cedo. Assim oiça, escute. É um caso de vida e de morte... de morte só, porque eu estou resolvido a morrer.

MONICA.

Jesus á minha alma, Sr. Luiz! morrer morrer! como ésta gente môça falla em morrer! Bem se ve que é de longe. Quem se sente ja perto d'ella, da morte, como eu, oh! falla com mais respeito... Mas tudo isto é serrar madeira para nada, Sr. Luiz. O tudo é que o mano não quer que entre aqui ninguem ésta noite. Va-se, va-se ja: fico perdida se elle chega e o encontra aqui. Va-se.

LUIZ.

Ja lhe disse que elle não vem. E oiça-me, Monica. Dou-lhe eu a minha palavra que a não comprometto em nada. Fia-se na minha palavra?

MONICA.

Fio, fio; mas por outra parte desconfio. Ai Sr. Luiz, pois não sabe como é o mano?

LUIZ.

Sei: mas a seu irmão, que aqui estivesse, lhe diria o mesmo que agora lhe digo. Monica, eu não sou de muitas palavras, nem leves: bem o sabe.

MONICA.

Sei: pois então diga. Quantas palavras?

LUIZ.

Duas só. Eu morro.

MONICA.

Ai menino! diga tres, diga vinte; mas não diga essas duas que são tam feias.

LUIZ.

Pois está na sua mão dar-me vida.

MONICA.

Na triste mão da velha! Tome-a, e viva. (*áparte*) Infeitiça-me com aquelle ar de senhor o mo-

fino. Manuel-Simões que faça o que quizer, eu não posso resistir a isto. *(alto)* Diga, diga, ande e avie-se.

LUIZ.
Tia Monica, eu heide fallar, ja, ja, com... com sua sobrinha.

MONICA.
Com minha... sobrinha? Está doido, senhor. Pois não sabe?

LUIZ.
Sei.

MONICA.
Tudo?

LUIZ.
Tudo.

MONICA.
Então?

LUIZ.
Então?

MONICA.
Então va-se e deixé-me: tenha juizo. *(á parte)*

Que pena! Duas almas que se querem... está visto... adoram-se. Diz que morria. Ja sei o que elle morre... é que...

LUIZ.

Duas palavras só, mas heide dizer-lh'as a ella.

MONICA.

Como as que me disse a mim ainda agora?

LUIZ.

Não... sim... as mesmas... Não sei... Pois sim...
Deixe-me ; heide dizer-lh'as, heide. É este o quar-
to, vamos.

MONICA, pondo-se deante da porta.

Que faz, senhor, que é isto? ai se o mano tal
visse ! E Jesus ! senhor, pense no que faz, lem-
bre-se...

LUIZ.

Não me lembro de nada : heide entrar.

SCENA XV.

MARIANNA, abrindo a porta do fundo, LUIZ,
MONICA.

MARIANNA.

Não hade. Sou eu que saio, e d'esta casa ja
para sempre, se não heide ser respeitada n'ella!

MONICA.

Bem ve que não é minha culpa; eu queria, eu não queria...

MARIANNA.

Queria e não queria: ha muita gente assim; bem o sei.

MONICA.

Eu era...

MARIANNA.

E não era. Tambem assim ha muitos. (*a Luiz*) Não lhe parece?

LUIZ.

Nem todos podem ter a presença d'espírito, o sangue frio...

MARIANNA.

Que eu tenho. Exactamente. É o meu forte, o tal sangue frio. Tia Monica, o Senhor... o Sr. Luiz... Luiz de?...

LUIZ.

Luiz só...

MARIANNA.

O Sr. Luiz só... quer-me fallar; e com tal impenho, bem ve, com o sangue tam quente (*a Luiz*) não é isto?... que lhe subiu á cabeça, e o per-

turbou a ponto de querer violar o sagrado da minha camera. Não permitta Deus que por tam pouco se arrisque tanto. Eu estou penteada e quasi vestida. Traga para aqui o resto das minhas coisas, o espelho, o mais que é preciso. (*Monica sai*) Póde fallar o senhor... o Sr. Luiz.

LUIZ, á parte.

Dá-me vontade é de lhe virar as costas, e não tornar a ve-la. Que mulher! que indifferença, que frialdade!... ai! (*volta Monica trazendo o que se indicou*).

MARIANNA, assentando-se, e começando a mirar-se ao espelho.

Falle, senhor; estou disposta a ouvi-lo: bem ve.

MONICA.

O mano tinha ditto...

MARIANNA.

O mano disse que eu era sua sobrinha... e este senhor tambem. Somos primos portanto, bem o ve, e temos que fallar. Entre primos não ha nada mais natural. Deixe-nos um instante sós, tia; eu tómo toda a responsabilidade sôbre mim. Va, va. E que responsabilidade! É ridiculo isto. (*a Luiz*) Pois não é? diga...

SCENA XVI.

MARIANNA, LUIZ.

LUIZ.

É muito serio, minha senhora; muito mais serio do que cuida.

MARIANNA.

Assusta-me devéras! Que ar tam solemne!

LUIZ.

Solemne sim, e grave: tratta-se da minha vida, da minha honra.

MARIANNA.

É um desafio: querem ver? á espada, ou?...

LUIZ.

Prouvéra a Deus que eu tivesse com quem jogar a vida assim, e que a morte a que caminho, fosse...

MARIANNA.

A morte! Oh! não zombe com essas palavras! Merecia-me o conceito de valer mais alguma coisa do que os dizedores vulgares d'essas bannalidades que... que ja não são moda.

LUIZ.

Eu não sei o que é moda, sei o que é verdade.

MARIANNA.

Na côrte, para zombar de uma provinciana, tudo é permittido : não é assim ? Diga. Pois diga.

LUIZ.

Digo-lhe o que tenho no coração, o que n'outro tempo lhe disse, o que sabe que é verdade.

MARIANNA, confusa.

È, bem o sei, mas não lh'o quero ouvir. Ai ! ja de mais o fiz ! Bem sei que me ama ; mas eu não posso nem devo... Eu não sei, n'esta confusão em que estou, o que é verdade, nem o que o não é. Nem pretendo sabè-lo. Se o objecto d'esta *solemne e grave* conferencia é repetir-me essas coisas que lhe ouvi n'outro tempo, quando...

LUIZ.

Quando ?

MARIANNA.

Quando eu era livre.

LUIZ.

E' agora ?

MARIANNA.

Agora não o sou, e não as quero ouvir mais.

Emfim, não fallemos serio no que é só para brincar. Meu tio Manuel-Simões, bem sabe, nosso tio Manuel-Simões e Companhia...

LUIZ.

Senhora, deixemos enigmas e zombarias. Eu não sou sobrinho de Manuel-Simões.

MARIANNA.

Ah! não é sobrinho?... Pois sou eu.

LUIZ.

Não é.

MARIANNA.

Sou.

LUIZ.

Basta. Eu tinha jurado conservar este incognito...

MARIANNA.

E que bem guarda os seus juramentos!

LUIZ.

Marianna, Marianna, por quem é, não abuse da minha situação, lembre-se...

MARIANNA.

É justamente o que eu não quero, é lembrar-me. Preciso esquecer-me, oh! sim! esquecer-me... e heide esquecer-me.

LUIZ.

Quem podéra ser assim!

MARIANNA.

Póde sê-lo quem quer, quem tem obrigações de cumprir, deveres sagrados a que obedecer. Eu...

LUIZ.

E eu não os tenho?

MARIANNA.

Quaes?

LUIZ.

Os de um homem condemnado a morrer para salvar a vida a seu pae.

MARIANNA.

Que diz?

LUIZ.

A verdade: vou morrer.

MARIANNA.

Como?

LUIZ.

Dando a minha mão a uma mulher que detesto, casando-me com um monstro...

MARIANNA.

Casando! (*à parte*) Ai que dor! não cuidei que

custava tanto. Que diz elle? (*alto*) Pois vai?... Pois é verdade?... Pois assim se esqueceu?...

LUIZ.

Não me disse ainda agora?...

MARIANNA.

Disse... que disse eu? Eu disse? Ah! sim; mas eu é diferente. E eu não disse... eu não faço... eu não posso. — Luiz, D. Luiz, que enigmas são estes, que mysterios, que inredos fataes andam aqui? Eu prometti, é verdade, a meu tio... a meu tio, sim... meu tio verdadeiro... a meu tio que não é... que é... que... E não tenho ja outro parente no mundo senão elle — prometti-lhe obediencia cega, prometti acceitar o espôso que me destinou; mas... Oh meu Deus!...

LUIZ.

Mas?...

MARIANNA.

Mas, se é verdade que as nossas promessas são mais antigas, e que as acceitou Deus antes... Que digo eu! eu estou louca. Não oiça o que eu digo, deixe-me, deixe-me por compaixão. D'aqui a uma hora, ai! — Mas não me disse que seu pae, a vida de seu pae?...

LUIZ.

Depende, sim, disse e é verdade, do infame casamento a que estou condemnado; da minha morte certa, porque eu não sobrevivo á deshonra de acceitar por mulher a... a detestavel creatura que me destinam. Não, não sobrevivo á perda de todas as minhas esperanças, ao acordar d'este sonho que... que nós sonhámos ambos, Marianna, quando...

MARIANNA.

Quando horas e horas nas grades d'aquelle convento nos estavamos devorando com os olhos, jurando eterna fe, jurando morrer antes do que...

LUIZ.

Do que pertencer a outro. E eu pertenceo ao algoz!...

MARIANNA.

Meu Deus! que diz este homem? Este homem está louco.

LUIZ.

Estou.

MARIANNA.

Isso não é verdade: diga...

LUIZ.

É. — Oh! é, Marianna: a minha estrella fatal não se desmente, não desvia um instante d'esta perseguição funesta que é o meu destino.

MARIANNA.

E se meu tio Manuel-Simões?...

LUIZ.

O quê?

MARIANNA.

Não for meu tio devéras, se?...

LUIZ.

Maior é a minha desgraça, mais profundo é o abysmo em que me vou lançar, em que me arrojам! E quem sabe, oh meu Deus! se porfim meu pae?... É capaz de me inganar o malvado homem, de me trahir o Jesuita... Quem sabe se meu pae vive? Quem sabe se m'o restituirão, se?... Marianna, Marianna, por Deus que está no ceo, promette-me?... (*arreatado, toma-lhe a mão e vai a ajoelhar*).

SCENA XVII.

PADRE-IGNACIO, LUIZ, MARIANNA.

IGNACIO.

Não prometta nada, Sra. D. Marianna. E a loucos ainda menos. Este homem não sabe o que quer nem o que pede. Seu pae está agonizando, e elle aqui! Aqui em requebros o filho, e o pae lá... O homem a cuja sombra elle escapou ao patibulo, á infamia, á miseria — esqueceu-se de tudo o que lhe devia, e em sua propria casa, n'este asylo a que se acolheu, aqui vem seduzir-lhe a donzella do seu sangue, a filha de seu irmão, transtornar-lhe as suas esperanças, fazer... Oh! se me contassem ésta acção de outro, mas de...

LUIZ.

Padre!... padre, repare bem no que diz. Perdoo-lhe porque não sabe...

IGNACIO.

Sei tudo.

LUIZ.

Não sabe.

IGNACIO.

Sei; e tambem sei que tenho aqui ésta ordem por escripto, e que seu pae nos espera. (*mostra um aviso fechado*).

LUIZ, lendo o sobscrito.

É a minha sentença de morte. Se'sera o resgate da vida de meu pae? Marianna, Marianna, pela última vez e para sempre... Oh! para sempre, adeus!

LUIZ.

Coitados! — Deus fara tudo por melhor. Vamos, senhor.

SCENA XVIII.

MARIANNA, só.

Partiu! vai ser de outra, tem ânimo para m'o dizer, para sahir de deante de mim e ir... salvar seu pae, o infeliz! Oh! que agora é que eu sei o que lhe quero, agora sim que eu conheço o que o amo. Sancto Deus! e d'aqui a pouco tambem eu ajudarei por minha parte a levantar entre nós um muro de separação eterna. Tambem eu... Oh meu tio, meu tio! que me importam

as tuas grandezas, os teus planos, a tua fortuna? E quanto melhor não era que me deixasses na minha obscuridade? Bem o não queria eu abandonar, o meu querido convento. Oh! antes alli perpetuamente reclusa, antes morrer alli de uma vez para o mundo, do que ter de agonizar assim toda a vida no meio de suas pompas e de seus inganos. — Quem vem ahi?

SCENA XIX.

MARIANNA, SIMÕES, *depois* MONICA.

SIMÕES.

Monica, Monica, não ouve? Ja, ja, venha... Oh! minha senhora, perdoe, não a via, não a suppunha aqui. A carruagem está á porta: são mais que horas de partir. V. Ex.^a bem sabe...

MARIANNA.

Sei, partamos. (*á parte*) É morrer isto; mas se elle tem fôrça para o fazer, tambem eu heide tê-la. (*alto*) Vamos, senhor.

MONICA.

Menina, menina, minha senhora, o lenço, as

luvas, o leque. E Jesus, olhem como ia! ai!
(*baixo a Marianna*) O mano não sabe nada do Sr.
Luiz?

MARIANNA, *baixo a* Monica.

Não, socegue; e se souber, é por minha conta.

MONICA, *baixo*.

Ai! ainda bem. (*alto*) Rapazes, Zephirino, Zé-
braga, Sr. Luiz, venham ver a nossa menina.
Como ella vai linda! ai que amor de rapariga!
Deus a fade bem! Oh mano, mano, olhe lá,
mano, se... E Jesus! casarem-m'a assim!

SIMÕES.

Monica, tenha juizo um dia.

MONICA.

Juizo, juizo! elles é que o tem, os homens, e
tudo fazem assim... ás vexas!

ACTO TERCEIRO.

Sala livre no forte da Junqueira. Bancos e cadeiras velhas. Luzes. É noite. — Porta praticavel no fundo e outra ao lado.

SCENA I.

PADRE-IGNACIO, SECRETARIO.

SECRETARIO.

São as ordens de S. Ex.^a

IGNACIO, lendo um papel.

As ordens de S. Ex.^a?... — Repitta-me isso,

senhor secretario. Tenha a bondade ; não percebi bem. Estes meus ouvidos — como tudo o mais aqui — não regulam. Determina o Sr. marquez ?...

SECRETARIO.

Disse-me que viesse a toda pressa para o forte da Junqueira, que intregasse este papel a vossa paternidade que ca havia de estar ; e que lhe dissesse de viva voz que... que era preciso que o esperassemos aqui todos, porque elle não tardava.

IGNACIO.

Isso é o que está escripto n'este papel. Não trouxe mais nada o Sr. secretario ?

SECRETARIO.

Trouxe uma ordem para o governador do forte.

IGNACIO.

Ora acabe com isso : custou-lhe ! Trouxe ordem ao governador do forte para me retter a mim e a D. Luiz, e para...

SECRETARIO.

Não, senhor, não diz isso a ordem.

IGNACIO.

Então o que diz, Sr. secretario ?

SECRETARIO.

As ordens do Sr. marquez...

IGNACIO.

São todas secretas e mysteriosas: bem o sabemos. Altos mysterios para quem não está iniciado n'elles, para os profanos. Commigo inuteis, perdidos todos esses segredos! — e podem ser prejudiciaes, muito prejudiciaes a alguem. Intende-me?

SECRETARIO.

Perfeitamente. Mas a verdade é ésta: o Sr. marquez vem ahi ja, e não queria desincontrar-se...

IGNACIO.

De nós? Porquê? E para quê? S. Ex.^a esperava-nos em casa, mandou-nos ir ao seu palacio das Janellas-verdes, onde, a ésta hora, devia estar reunida toda a sua familia; Manuel-Simões tambem ja lá deve ter chegado, e com elle a sobrinha... a senhora D. Marianna, que é uma gentil menina, verdade seja! É pena, é pena que se desarranjem éstas coisas que estavam tam bem arranjadas. Não acha, senhor secretario?

SECRETARIO.

Não sei o que me quer dizer.

IGNACIO.

Mas sabe que tudo estava determinado assim, e que D. Luiz, depois de ver seu pae — de ver enfim seu pae ao cabo de tantos, tantos annos — devia ir d'aqui commigo, d'aqui d'estes horrorosos calabouços, para o magnífico palacio do Sr. marquez de Pombal, e... Hem? Pois não era isto?

SECRETARIO.

Sim senhor: mas apenas entrava em casa o senhor marquez para os esperar, quando recebeu uma carta, creio que coisa de muita pressa; expediu logo um correio a Manoel-Simões, mandou-me a mim para aqui... e elle foi...

IGNACIO.

Á Ajuda: bem sei.

SECRETARIO.

Quem lh'o disse? — Eu não sei... não creio.

IGNACIO.

Crê e sabe: e tambem o sei eu. Foi á Ajuda. — E elrei? diga, elrei?... Diga, senhor secretario: elrei?

SECRETARIO.

Não está melhor... Sua majestade... Sua majestade parecia...

IGNACIO, erguendo a voz.

Sua majestade está a ésta hora na presença de outra majestade, senhor, da tremenda majestade de outro rei. d'aquelle rei que não morre, d'aquelle rei que é o rei e o juiz de todos os reis. Oh! D. José I deixou de reinar. Que Deus faça... que Deus tenha... ah! Que Deus tenha misericordia com a sua alma! (*ajoelha e reza*).

SECRETARIO á parte.

Que lhe pedirá elle a Deus, o Jesuita? Pobres de nós todos se aquellas orações são ouvidas. (*Ignacio levanta-se*) Mas, senhor, elrei, nosso senhor...

IGNACIO.

Elrei, nosso senhor... nosso senhor!... Não minta, senhor secretario, que ja é tarde para mentir. E de que lhe serve? Elrei está morto.

SECRETARIO.

Quando Deus fosse servido chamar á sua glória...

IGNACIO.

Deus chama á sua glória os que o servem, os que o honram, os que deram glória ao seu nome

na terra. Mas diga, diga essas phrases banaes que apprendeu com os reposteiros do gabinete; diga o que quizer agora, que a mim o que me importa é... (*chama á porta da esquerda para dentro*) D. Luiz, D. Luiz! venha, D. Luiz.

SCENA II.

LUIZ, PADRE-IGNACIO, SECRETARIO.

LUIZ.

Que me quer, padre? Aqui estou! Oh! não sabe? meu pae está melhor, muito melhor, padre. Que fortuna! foi uma crise nervosa o que elle teve, diz o doutor; e de certo foi, mas terrivel. Cuidei que me morria nos braços. Alegria, pasmo de me ver! Não queria acreditar os seus olhos, os seus deveis olhos desacostumados da luz, ha tanto, tanto tempo. Ai! o que tem padecido aquella alma n'aquelle corpo! Emfim passou-lhe, está melhor, e o medico responde por elle. Mas, ésta noite, ja o não podêmos tirar d'aqui: é preciso esperar pelo dia, e ámauban i-lo habituando gradualmente ao ar livre.

IGNACIO.

Pois o meu consêlho agora, D. Luiz...

LUIZ.

Que bem me aconselhou, padre, que bem fez em me salvar de mim mesmo! Restitui a vida a meu pae... Oh! todo o sacrificio é pequeno. Vamos quando quizer, vamos ja, vamos assignar essas terriveis escripturas, vamos levar ao tyranno o preço da vida de meu pae. (*á parte*) Ai Deus! ai minha alma! ai meu pobre coração! (*alto*) Não importa, vamos ja: estou prompto, estou resolute. (*á parte*) Marianna... Marianna, adeus, oh para sempre adeus! Perdoa-me Marianna; é meu pae, meu pae. Adeus! (*alto*) Elle está socegado agora, padre; dorme profundamente; o medico promette não sahir d'aopé d'elle, e affiança que dormirá umas poucas de horas seguidas. Aproveitemos ésta occasião, vamos: não se arrependa o nosso inimigo da sua generosidade.

IGNACIO.

Não tenha medo, D. Luiz, socegue. O Marquez de Pombal é tam fiel ás suas promessas, é tam generoso, tam leal, que, para dissipar a

mais leve sombra de receio, acaba de nos intimar...

LUIZ.

De intimar... o quê? Faz-me tremer, padre...

IGNACIO.

De nos intimar, aqui pelo senhor secretario que presente se acha, que nos dispensa da visita promettida... exigida para ésta noite em sua casa, e que...

LUIZ.

E quê?...

IGNACIO.

E que ficâmos nós á sua ordem n'este forte...

LUIZ.

Presos?

IGNACIO.

Presos... litteralmente presos, não. Que diz, senhor secretario? Rettidos, rettidos até que...
(*secretario inclina-se em signal d'assentimento*).

LUIZ.

Devéras? Oh providencia divina! Bemditto sejas, meu Deus! E abençoado sejas tu um dia por uma coisa emfim na tua vida, marquez de Pombal! Oh meu Deus, meu Deus, que vos di-

gnastes acceitar o sacrificio terrivel a que eu me submettia! Oh padre, padre! Deus é pae por fim. Então prendem-me aqui, fico aqui com meu pae? — E o infame casamento?

IGNACIO.

Inutil j'agora, desnecessario.

LUIZ.

Sera verdade?... meu Deus! É possivel? que fortuna! Oh adorada Marianna!

IGNACIO.

Adorada Marianna! O rapaz está louco.

LUIZ.

Estou louco, estou; — doido furioso de contente. Ai! se soubesse, padre...

IGNACIO.

Não sei: agora não sei, confesso. Pela primeira vez não sei e não intendo. Pois D. Marianna?...

LUIZ.

Marianna, ou D. Marianna, chame-lhe como quizer: sobrinha ou não sobrinha, Marianna é um anjo, é a minha vida, é a minha alma, é a parte da existencia que me faltava, e que em

vão tenho buscado no mundo. Achei-a, e... Oh! o padre não comprehende isto.

IGNACIO.

Lá me custa, a fallar a verdade. Mas pôde ser que... Diga, diga.

LUIZ.

Achei-a, ai! incontrei-a emfim. E quando eu começava a acreditar que a Providencia se tinha compadecido de mim, quando principiava a crer na misericordia divina, quando ésta alma — tam contristada sempre — se abria á primeira felicidade que viu luzir... Oh padre! então vinha este sacrificio tremendo que era necessario para salvar meu pae, vinha cortar-me para sempre toda a esperanza. Bem sabe que não hesitei, bem viu que estava prompto. Mas o que não sabe, o que não viu, o que ninguem mais saberia na terra ou no ceo, é que pela vida de meu pae eu dava mais do que a minha vida, do que a minha liberdade, do que a minha honra. Amando... oh! amando como só sabem amar os desgraçados — o amor dos felizes é um prazer de mais — sentimento, sentimento profundo, só no coração

do desgraçado! — amando, amando como eu amo a Marianna...

IGNACIO.

Marianna! Mas qual Marianna, com Deus?

LUIZ!

Marianna! a minha Marianna. Pois qual? a minha. Aquelle anjo de bondade, aquelle coração de ouro, aquelle espirito celeste que só eu sei o que vale — e ninguem mais; ninguem, porque ninguem é feito para a conhecer senão eu.

IGNACIO, áparte.

O rapaz indoudeceu de todo, de todo.

LUIZ.

Pois veja, padre; amando eu assim, certo de ser amado, e quando a sorte, por um mysterio que ainda não comprehendi, nem me importou intender, parecia trazê-la aos meus braços depois de longa e desesperada ausencia... veja qual seria a minha desgraça conhecendo que devia renunciar a ella, e ir intregar a minha mão, a minha vida a esse monstro... que não póde deixar de ser um monstro, é d'aquelle sangue malditto, é d'aquella raça de tigres que beberam todo o meu, que destruíram a minha familia, que...

Oh! benditto sejais mil vezes, meu Deus! eu ia como Isac para a montanha levando a lenha para o proprio sacrificio; e Deus contentou-se com a minha resignação. Deus é pae, oh é: agora o vejo, padre. Ficarei prèso aqui; não importa: ficarei com o meu pobre pae, a ajudá-lo, a servi-lo — e sóbretudo a gosar da minha liberdade n'estes ferros.

IGNACIO.

Sim, sim, lá me parece que aqui a liberdade hade ser...

LUIZ.

Pois què? o que são essas grades, esses ferrolhos, os grilhões que me possam lançar aos pés, ás mãos, comparados com as ignominiosas cadeas que me esperavam, ésta noite, no palacio do tyranno? Eu com ésta mão, eu assignar tal papel! Eu, ésta mão, ir levar-lh'a a elle! Eu, ésta mão, ir da-la a essa mulher!...

IGNACIO.

Qual mulher?

LUIZ.

Qual mulher! mas essa mulher que me estava destinada, essa que...

IGNACIO.

A sobrinha?

LUIZ.

A sobrinha, sim.

IGNACIO.

Então?... Pois?... Agora percebo: é que não sabia que a sobrinha de Manuel-Simões era a mesma que...

LUIZ.

A sobrinha de Manuel-Simões! (*rindo*) É muito fino o nosso padre-Ignacio, sabe tudo, mas...

IGNACIO.

Mas o quê?

LUIZ, rindo.

Mas ha algumas certas coisitas que escapam á sua penetração e perpiscacia.

IGNACIO.

Sim?

LUIZ.

Sim, senhor, Sr. padre-Ignacio.

IGNACIO.

Comeffeito? Ora veja.

LUIZ, em ar de confidencia.

A sobrinha do nosso Manuel-Simões, da tia

Monica... (*rindo*) a sobrinha da tia Monica! Que famosa historia! E o padre-Ignacio cahir n'esta! — A sobrinha não é sobrinha tal: disse-m'o ella, sei-o eu.

IGNACIO.

Ah! disse-lh'o ella? Então sabe tudo. Então ainda intendo menos... Então sabe... E sabe por tanto que a sobrinha do marquez?...

LUIZ.

Sei, padre, sei: pois não m'o disse inda agora? que essa malditta sobrinha do marquez, essa com quem me ia casar, ésta noite, ja não quer elle que se case; que mudou de tenção, e que meu pae...

SCENA III.

ZEPHIRINO. PADRE-IGNACIO, LUIZ,
SECRETARIO.

ZEPHIRINO.

Senhor patrão, senhor patrão! Está aqui o meu patrão? não está? Senhor patrão, senhor Manuel-Simões?

LUIZ.

Que é isto? Zephirino aqui!

IGNACIO.

Como o deixaram entrar?

LUIZ.

Que é isso, homem?

SECRETARIO.

Como entraste aqui? as guardas...

ZEPHIRINO.

Quaes guardas? Bem me importam a mim as guardas! Onde está, onde está o patrão, Sr. Luiz? Ai meu Deus! este não é o Sr. Luiz. O Sr. Luiz tam bordado, tam tafulo? Onde está o outro?

LUIZ.

Qual outro?

ZEPHIRINO.

O outro Sr. Luiz?

IGNACIO.

Estás pateta, rapaz? Este é o Sr. Luiz; falla. Que succedeu, que é isso? Como vieste aqui ter? Como te deixaram entrar?

ZEPHIRINO.

Ai senhor! Deixe-me tomar folego.

LUIZ.

Socega, Zephirino, descansa, vamos.

ZEPHIRINO.

Jesus! que não sei onde estou. E é devéras o Sr. Luiz? Sera. E é; eu é que não sei, que não vejo. Ai Sr. Luiz, ai Sr. padre-Ignacio, não sabe o que vai. Vm., que sabe tudo, não sabe de certo, não póde saber. Acaba-se hoje o mundo, é outro terremotto, ou que sera, senhor? Eu fui ao palacio do Sr. marquez... mas qual marquez! Fui á Ajuda... peor!... Tudo alvorotado por ahi, tudo cheio de povo. Na Baixa então isso, lá pelos arruamentos, isso é então uma assoada! Pois não sabe? Queriam deitar fogo á nossa casa. E porquê, senhor! porquê? que é o que eu dizia á tia Monica, porque nós somos pelo marquez. Va que fossemos pelo marquez; era o patrão, está visto. Mas nós que somos os caixeiros, e a tia Monica? A tia Monica então! a das noveñas de Santo Ignacio. O padre bem sabe; ella hem! Mas não senhor; que tudo vai na mesma firma... Elle é de razão: Manuel-Simões e companhia. Mas companhia nas perdas sem ganhos! que acha, Sr. Luiz? Pois queriam-nos

deitar fogo á casa! E andam aos magotes pela rua a gritar ‘Abaixo o marquez de Pombal!’ ‘morra o marquez de Pombal!’ E a tia Monica disse-me: ‘Vai, Zephirino, vai ver se encontras o patrão, e dize-lhe que não tenha medo, que ‘ninguem ca hade entrar na casa nem na logea; ‘mas que venha elle sempre o mais depressa que ‘podér.’ E lá ficou a tia Monica, mais o Zébraga — que está a rir, o malditto boiças e não tem medo. Faz mesmo vergonha aquillo, faz saltar o sangue ver que não tem medo nenhum o pateta. Está tam fresco, de pau na mão, e rindo-se; diz que até vinte alfacinhas que basta elle... tolo! Pois emfim, eu vim, e aquella gente a gritar, e foram ao Terreiro-do-paço para arrancar a medalha — aquella que está aopé do cavallo: sabe?

IGNACIO.

E sempre a arrancaram?

ZEPHIRINO.

Não; porque diz que hade ir a camara, o senado, para ver como a coisa se faz, e que hade ser de dia, com foguetes. Bem sabe que em Lisboa sem foguetes...

IGNACIO.

Não se faz nada.

ZEPHIRINO.

Sim, senhor. Pois ahi está. Eu vim ás Janellas-verdes; mas ja disse, nem marquez nem meio marquez. Muito povo a gritar á porta: ‘Abaixo ‘o marquez!’ E eu vim á Ajuda. Lá é que encontrrei um criado do senhor marquez disfarçado em povo. . Bom povo aquelle! mas eu bem o conheci. E elle é que me disse que o senhor marquez e mais o patrão que vinham aqui ter: que viesse eu ca se a coisa era de pressa. Nada, não era de pressa! Deitei a correr; mas o povo é tanto por ahi, e tropas pelas ruas — as carruagens não podem chegar ca tam cedo. Mas ainda agora deram vivas outra vez ao senhor marquez, porque elle diz que vem aqui para soltar os presos por ordem da nossa rainha, porque elrei...

LUIZ.

Elrei?

IGNACIO.

Elrei é morto, D. Luiz.

ZEPHIRINO.

D. Luiz! Bem o dizia eu, e não me enganava.

Oh! Sr. Luiz, Sr. D. Luiz, e o nosso patrão agora que hade ser d'elle e da nossa casa?

LUIZ, meditando.

Elrei, elrei D. José! morto!...

SCENA IV.

LUIZ, PADRE-IGNACIO, ZEPHIRINO
SECRETARIO, POVO *de fóra.*

POVO.

Viva a nossa rainha! Soltem-se os presos. Que remos ver os presos. — Viva a nossa rainha!

LUIZ.

Que é isto?

IGNACIO.

Não cuve o que é, D. Luiz? É o povo que acclama a nossa rainha, e a liberdade de seu pae, a sua, a nossa.

LUIZ.

Meu pae, meu pae livre, e eu tambem!

IGNACIO.

É a tyrannia d'esse homem sem Deus e sem lei que acabou enfim. — Ah marquez de Pom-

bal, marquez de Pombal! — D. Luiz, vamos d'aqui! Seu pae está intregue a pessoas de confiança. Deixemo-lo descansar, e vamos nós, que é preciso.

LUIZ.

Padre, deixe-me respirar... deixe-me entender ésta fortuna que me espanta. Extranho-a, não a comprehendo, e não me comprehende a mim ella. Não sei porquê, no meio de tammanha alegria, sinto uma tristeza inexplicavel que me atterra... sinto como um remorso da minha felicidade. Parece-me que offendo a Deus com o meu contentamento, que falto não sei a quê, que traio não sei a quem... Ai! que terei eu n'alma e de que será feito este coração para me atormentar assim com tudo! Va, padre, va; eu aqui ficarei com meu pae até que o possa fazer conduzir a casa... A casa! nós ja não temos casa. A minha casa, a antiga habitação de meus antepassados foi arrazada e salgada por mãos do algoz; nem herva cresceu nas suas ruinas que ficaram maldittas! Iremos para casa de algum amigo. Oh! sim, o meu Simões, o meu bom Simões me acudirá como sempre: para sua casa

iremos. Va, padre, va animá-lo. Pobre Simões! em que sustos elle estara! Se o povo realmente...

ZEPHIRINO.

Para isso lá está o Zé-braga: não senhor, lá a casa não vão elles; não, que o Zé-braga... E sabe que mais, Sr. Luiz? Eu desconfio que o Zé-braga porfim que está com elles e que não é muito pelo nosso marquez.

LUIZ.

Sim?

ZEPHIRINO.

Eu cá me intendo.

LUIZ, áparte.

E Marianna, e Marianna! Oh meu Deus! (*alto*) Padre, agora me lembrou de repente. Tem razão, devemos voltar a Lisboa já... ambos. O caso de Manuel-Simões é serio: quem sabe o que póde acontecer? E meu pae... diz bem, padre... está intregue em boas mãos. E tambem nós podemos ir, e tornar logo. Mas agora vejo que é preciso ir. Vamos. Venha, padre.

SECRETARIO.

Perdoe-me, senhor, mas não tenho ordem.

LUIZ.

Ordem! Que ordem! Eu heide sahir...

SCENA V.

SIMÕES, MARIANNA, PADRE-IGNACIO,
LUIZ, ZEPHIRINO, SECRETARIO,
ZÉ-BRAGA.

SIMÕES.

Luiz, D. Luiz, padre-Ignacio! Oh! ca estão ambos. Estamos salvos. Sancto Deus! respiro. Oh que susto! Oh! estamos salvos. Ainda não entro em mim.

LUIZ.

Marianna aqui! Oh! Simões, e tu? Que é isto?

SIMÕES.

D. Luiz, D. Luiz, o povo... o povo... ai que gente! valeu-nos a sege da Casa em que vinhamos... e valeu-nos correr á desfilada. Abençoadas mulas! Oh! padre, padre, que não sei ainda onde estou. D. Marianna, Sra. D. Marianna, não lhe succedeu nada? Está boa, não tem nada? Diga, minha senhora. Jesus! que ânimo de me-

nina! uma senhora d'aquella idade, e não ter medo assim!

MARIANNA.

Medo de quê?

SIMÕES.

De quê! senhor Jesus dos Terremotos! Dos gritos d'esse povo, das ameaças, do que elles nos diziam...

LUIZ.

Onde estão os villões ruins? Quem são, onde estão elles? (*querendo sahir*)

IGNACIO, contendo-o.

D. Luiz!

MARIANNA áparte.

D. Luiz, comeffeito! Oh! não é caixeiro. Bem m'o dizia o coração.

LUIZ.

Marianna, Marianna, o que foi? diga-me por Deus, que aconteceu?

MARIANNA.

Aconteceu unicamente... Faz favor de me dar uma cadeira, uma d'essas coisas.

LUIZ, chegando-lhe um assento.

Oh minha senhora!

MARIANNA, sentando-se.

Aconteceu que chegando nós ao palacio do marquez de Pombal para onde iamos, eu e... e meu tio, o Sr. Manuel-Simões...

LUIZ.

Iam para casa do marquez!

MARIANNA.

Iamos, sim; mas quiz Deus que não podessemos entrar.

LUIZ.

Como assim! Pois?...

MARIANNA.

Não podémos entrar, porque era immenso o tumulto do povo, e uma vozeria: 'Abaixo o marquez! Viva a rainha!'

LUIZ.

E então?

MARIANNA.

Então, mudámos de caminho, e viemos para aqui, onde Simões... onde o Sr. Manuel-Simões diz que tinha... que vinhamos encontrar o marquez.

SIMÕES.

É verdade, quando sabiamos de casa, da rua

Augusta, recebi aviso d'elle que, se o não encontrassemos no palacio, que viessemos aqui ter.

IGNACIO.

Providentissimo e previdentissimo sempre o nosso marquez!

ZEPHIRINO.

Oh Sr. patrão, e o Zé-braga? o Zé-braga! que tera feito o Zé-braga? Elle que era tanto contra o Sr. marquez!...

SIMÕES.

Deixa-me, tolo: que me importa a mim?...

ZEPHIRINO.

É que o Zé-braga é capaz porfim de andar mettido nos magotes. Eu que o conheço!

SIMÕES.

Ai a minha casa! E a pobre Monica! Mas tu, que fazes tu aqui? Eu indoudeço: este é, é o dia de juizo, hoje.

LUIZ, áparte.

Marianna que ia para casa do marquez á mesma hora que eu devia ir!... que mysterio!...
(alto) Padre, quem é ésta senhora?

IGNACIO.

A sobrinha do nosso amigo Manuel-Simões e Companhia.

LUIZ.

Impossivel!

IGNACIO.

Se lhe repugna ve-la sobrinha do nosso Simões... veja lá de quem quer que o seja. De quem mais estimaria? Diga. A gente hade ser sobrinho d'alguem, hade ter os seus tios por fôrça...

LUIZ.

Padre, veja o que diz! não zombe commigo, padre-Ignacio. Eu não estou, eu não posso... D. Marianna, por Deus lh'o peço, desinrede este enigma. Ob, diga, diga, porquem é... diga que não é... que não é sobrinha d'elle, diga que...

MARIANNA, levantando-se.

Que não sou?...

LUIZ.

Sobrinha d'elle, senhora.

MARIANNA.

E não sou. Ja não ha para que fingir agora meu Simões: não sou.

LUIZ.

Não é? Sancto Deus, que felicidade!

IGNACIO.

Comeffeito, D. Luiz, o nosso Manuel-Simões muito agradecido lhe deve estar. Pois custava-lhe mais, senhor... Sr. D. Luiz, que ésta menina, ésta bella e gentil senhora fosse do sangue do seu bemfeitor, do seu amigo, do que lhe salvou a vida, do que tem arrostado perigos e terrores para o deffender?...

SIMÕES.

Padre, que está a dizer? Padre-Ignacio, por quem é...

IGNACIO, com severidade.

Calle-se, Simões, e não me interrompa. Que sabeis vós o que dizeis, Simões, ou que entendeis vós do que eu digo? (*para D. Luiz*) Custava-lhe isso mais, Sr. D. Luiz de Tavora, do que achar n'ella o sangue do seu implacavel inimigo, do verdugo dos seus!...

LUIZ.

D. Marianna, D. Marianna, pois não me disse agora, não acaba de me dizer que não é?...

MARIANNA.

Que não sou sobrinha de Manuel-Simões.

LUIZ.

Ai! não era d'esse que eu fallava, que com tanta anciedade lhe perguntei. Bem sabia ja que não, bem o sentia. Oh! do outro, do outro é que eu pergunto, do outro...

IGNACIO.

Ésta senhora, D. Luiz, a Sra. D. Marianna de Mello é sobrinha de Sebastião José de Carvalho e Mello, conde de Oeiras, marquez de Pombal.

LUIZ.

Meu Deus, meu Deus!

Silencio geral.

ZEPHIRINO.

Ai! e eu! que pateta que eu sou! O que eu disse ésta manhan ao Sr. marquez!... Olha se elle não cai tam depressa, o que sería de mim! Intaipado pelo menos, intaipado o pobre do Zephirino! Sr. patrão, Sr. patrão, viva a nossa rainha! abaixo o marquez de Pombal!

SIMÕES.

Calla-te, pateta.

ZEPHIRINO.

Pois se elle ja lá vai, agora póde a gente...

SIMÕES.

Que sabes tu de quem lá vai ou de quem lá torna?

IGNACIO.

Simões, deixe o rapaz. Grita, rapaz, grita, que ja temos liberdade...

ZEPHIRINO, áparte a Zé-braga.

Liberdade! não lh'a quero a sua liberdade. Ja não tenho vontade de gritar. O marquez era um grande marquez porfim, homem, que fazia muito pela nação. Eu é que me não fio n'estes Jesuitas. Vai-te, vai-te, Jesuita, deixa que... hasde ficar logrado, porfim, eu to prometto, com tudo isso...

ZÉ-BRAGA, áparte a Zephirino.

Tu es tolo, Zephirino; mas a modos que num es pateta de todo.

MARIANNA, que tem estado pensativa e sem ver nada do que se passa.

Sr. D. Luiz de Tavora, agora sei que este é o seu nome, e nunca o tinha ouvido antes, Deus me é testemunha. Não o sabia em Aveiro quando o vi a primeira vez, não o sabia hoje quando nos

incontrámos em casa do nosso supposto tio. — Agora me explico, agora comprehendo o invisivel e invencivel podêr que nos separava, quando os nossos tam cegos sentimentos pareciam querer unir-nos. Fatal, funesta sympathia que se tinha apoderado de nossos corações... porque nos não conheciamos! Nenhum de nós sabia quem era o outro; e desde que o sabemos... tudo está dito... Que mais pôde haver entre nós?... Ou o soubessem ou o ignorassem (*olhando significativamente para o padre-Ignacio*) os que decidiam de nossos destinos, vejo, conheço tambem agora... vejo que, uns de boa, outros de má fe, tinham determinado unir-nos. Laço impossivel, união abominavel, D. Luiz! não é verdade? Este sacrificio que lhe exigiam, e de que a liberdade, a vida de seu pae era o preço, creia, D. Luiz, acredite-me que lh'o mereço — não teria nunca o meu consentimento... Oh! jamais. Que o não teve, bem ve. Eu sabia que me casavam com uma pessoa desconhecida, com um homem que eu suppunha não ter visto nunca, um homem que eu sentia que não havia de amar nunca, oh! nunca, nunca... porque o meu coração...

LUIZ.

Marianna! oh Marianna!

MARIANNA.

Basta. — Esse perigo passou, estamos livres ambos. Meu tio, meu tio verdadeiro, esse ministro tam detestado... esse homem cahiu; e seu pae ja não precisa do sacrificio. D. Luiz, eu volto para o meu convento... e volto mais feliz do que...

LUIZ.

Do quê, Marianna?

MARIANNA.

Do que se chegasse a ser espôsa de um homem que me detesta... que tam profundamente me abhorrece.

LUIZ.

Eu! Ah! eu? Pois assim se esquece?...

MARIANNA.

Não me esqueço de nada. Oh! quem podéra esquecer! Sei que em Aveiro, sei que no meu convento, ignorando quem eu era...

LUIZ.

Amei com todas as fôrças da minha alma, com uma adoração que me fez esquecer...

MARIANNA.

Tudo, menos a supposta baixeza do meu nascimento quando me julgou a sobrinha do seu bemfeitor.

LUIZ.

Oh! D. Marianna...

MARIANNA.

Tudo, menos o odioso do meu sangue quando me soube parente do homem que abomina. Já ve, D. Luiz, que se enganou: é um pobre sentimento, uma debil affeição, a que não resiste nem á vaidade nem ao odio!

LUIZ.

Ah! se soubesse...

MARIANNA.

Sei que esse homem tam detestado póde ser tudo menos infame, que tudo sera menos mau portuguez, que é...

LUIZ.

Que é um grande homem, D. Marianna! E sou eu, eu que o confesso, eu a quem sua grandeza tanto sangue e tantas lagrymas tem custado.

IGNACIO.

D. Luiz, D. Luiz de Tavora!

LUIZ.

Sou Luiz de Tavora, sou, e bem sei as obrigações que nos impõe o meu nome.

SIMÕES, ajoelhando e beijando-lhe a mão.

É o meu amo, o filho do meu bom amo. Oh meu senhor, isso é que é ser cavalheiro, ser fidalgo devéras. Ah! se todos fossem assim!

LUIZ.

Deixa-me, Simões; sou Luiz de Tavora, mas não sou... (*ouve-se ruído dentro*)

SIMÕES, á parte.

O marquez! Acudamos a isto depressa.

LUIZ.

Mas não sou, não...

SCENA VI.

MARQUEZ, LUIZ, MARIANNA, PADRE-IGNACIO, ZEPHIRINO, SECRETARIO.

MARQUEZ.

Mas não é Jesuita. Pelo menos não tem o quarto voto. Professe, professe, e vera que o Evangelho

é uma chymera, o temor de Deus um sonho, que é lícito mentir, fingir, trahir, vender e vender-se... Não é assim, padre-Ignacio? tudo é lícito, menos perdoar as injúrias, menos ser fiel ás suas promessas. Sr. D. Luiz de... Sr. D. Luiz, eu tenho estado áquella porta, ha alguns minutos, e ouvi tudo. — Seu pae estava livre, livre por minha propria e spontanea vontade. O preço que eu parecia exigir, não era para mim, D. Luiz; era para a tranquillidade d'esta terra que é nossa, de nós todos. Ai! quantas acções parecem más, quantas motivadas por vis interèsses, e que tem origem nos mais nobres sentimentos! Mas oh! é muito tarde ja... ou antes, é muito cedo ainda para me eu justificar. O meu podêr acabou, ou como se acabasse está; o nosso contracto de sua natureza se rompeu. Não me queira mal pelas tenções que tive. Assaz motivos tem de me detestar, D. Luiz — para desprezar-me, nenhum — e ninguem os tem, bemditto seja Deus! ninguem, não. Concebi este projecto quando fui informado da sua inclinação para Marianna, informado por este... por este amigo... o nosso padre-Ignacio...

IGNACIO.

Eu disse... eu julguei... eu não queria senão...

MARQUEZ.

Não sei o que vossa paternidade queria — mortificar-me talvez, ter-me na sua dependencia : que sei eu ! Por mim, o meu principal desejo era acabar com estes odios fataes, esquecer éstas funestas severidades que a dureza dos tempos...

IGNACIO.

A dureza d'esse coração, marquez de Pombal, a malditta crueldade d'essa alma, Sebastião José de Carvalho ! — Quem hade esquecer ?...

LUIZ.

Padre-Ignacio, eu estou aqui ; e sou eu...

MARQUEZ.

Deixe-o, deixe-o dizer...

LUIZ.

Não deixo, não soffro... Eu que sou...

IGNACIO.

Que sou o quê, D. Luiz ? O sobrinho, o filho de alguns imbecis que esse homem estrangulou sôbre o patibulo ? O que é isso, o que significa isso ? Quem lhe diz que esse homem não fez...

que não tinha direito, que não tinha razão, que não tinha obrigação talvez de o fazer?

LUIZ.

Ah!

MARQUEZ.

Comefeito! E então?

IGNACIO.

Sim... talvez: não sei. Perdoe-lhe se quer, perdoe-lhe se póde. Que me importa a mim, que importa a Deus e ao mundo? Mas a fe de Christo que esse homem perseguiu, a companhia de Jesus que elle destruiu, a Igreja catholica que não póde sustentar-se sem ella?... d'esse attentado monstruoso nem Deus nem os homens podem absolvê-lo; por esse a maldicção eterna cahirá sôbre o impio...

MARQUEZ.

Se deixassemos essa bella tirada para outra vez, padre-Ignacio? Para quando concluíssemos aquelles ajustes começados ésta manhan?

IGNACIO.

Sr. marquez... eu...

MARQUEZ.

Sr. padre-Ignacio, eu ainda sou ministro de

S. M., e vossa reverendissima ainda não é provincial da Companhia — nem Deus tal permittirá — porque eu posso cahir, padre; (*á parte*) e cahido estou! (*alto*) mas a Companhia não se levanta. — D. Luiz...

IGNACIO.

D. Luiz, vamos d'aqui, vamos, senhor, deixemos...

LUIZ.

Eu não deixo meu pae, não saio d'aqui agora, senhor.

IGNACIO, sahindo.

Bem, Sr. D. Luiz, muito bem!

SCENA VII.

MARQUEZ, LUIZ, MARIANNA, ZEPHIRINO,
SECRETARIO, POVO *fóra*; *depois* ZÉ-BRAGA.

POVO.

Soltem-se os presos! viva a rainha! abaixo o marquez!

MARQUEZ.

Sr. secretario, que não façam mal ao povo

mas que o conttenham! Dê ordens aos meus dragões que ahí estão. Oh! veja que gente é essa que grita. É a mesma de inda agora?

SECRETARIO, depois de ir ver.

É a mesma, senhor. Rapazes pela maior parte, e gente de pouco.

MARQUEZ.

Convidem da minha parte o cabecilha, o chefe d'essa gente a vir-me fallar. Um tribuno do povo deve ter ânimo para encarar face a face o tyranno! Quero ouvir, quero intender bem essas queixas do povo de Lisboa contra mim: hãode ser curiosos os capitulos. Venha, venha o coice do asno.

ZÉ-BRAGA, de fóra.

Deixem-me, soltem-me; eu sei ir por meu pé. Sim, senhor; conheço muito vem o marquez; num n'ó habéra de conhecer? Quem eu! Cuidam que eu que sou o Zephirino? num lhe tenho medo, num senhor, nenja eu.

ZEPHIRINO.

Que rapaz, que Zé-braga este!

SCENA VIII.

MARQUEZ. LUIZ, MARIANNA, ZEPHIRINO,
ZÉ-BRAGA *conduzido por* SECRETARIO
e DRAGÕES.

ZÉ-BRAGA.

Está aqui o sor marquez? Pois sim senhor: eu lhe direi tudo o que tenho que dizer. E hade oibi-las voas. Deixem-me.

MARQUEZ.

Soltem o rapaz, o meu amigo Zé-braga. Não é este o seu nome, Zephirino?

ZEPHIRINO,

Sabera V. Ex.^o...

ZÉ-BRAGA.

Ai! o Zephirino aqui tamvem!

MARQUEZ.

Ora venha o Sr. Zé-braga, venha em nome do povo de Lisboa, e diga de sua justiça, que aqui estamos para o ouvir.

LUIZ, áparte.

Que ânimo de homem, que admiravel sangue

frio! Oh! porque havia de este homem ser meu inimigo. Oh meu pae! — D. Marianna?

MARIANNA.

Sr. D. Luiz?

LUIZ.

Se nos não tornarmos a ver...

MARIANNA.

Adeus, D. Luiz!

LUIZ.

Oh! É impossivel isto, impossivel!...

SCENA IX.

MARQUEZ, MARIANNA, ZEPHIRINO,
ZÉ-BRAGA, SECRETARIO.

MARQUEZ.

Com que então, até o meu amigo Zé-braga se declarou contra mim?

ZÉ-BRAGA.

De sorte qu'eu, sor marquez, eu... não era pelo tanto... É que lá os rapaces da Vaixa, bista a cousa estar feita... sim... de estar tudo ja com'

aquella... com'a quem diz... enfim que elrei nosso senhor que estava ido, e que o senhor marquez que ja num intaipaba a chente — dixeram elles : ' Bamos então lá, e ba tudo cum seiscentos demonios ! ' É o que elles diciam. E d'ahi quiceram deitar fogo a nossa cassa, não mais senão só por ser a chente — ca o patrão — compadre do sor marquez. E eu sempre lhe digo, quando tal bi, quiz-me ir a elles. Mas a tia Monica que não, que não, que os lebasse por vem. Que lhe hoibera de eu de fazer? Fui-me de por bem com elles, porque nos não queimassem a cassa e tanto panno fino que la temos e tudo aquillo. D'ahi ó depois...

MARQUEZ.

Depois?

ZÉ-BRAGA.

Ó depois, a berdade, berdade, é que entrou a chente a gritar, a correr as ruas — e tomei-lhe gôsto a cousa. É que elle é vom, vom de-béras. Lá isso é! nem rondas, nem patrulhas, nem corregidor, nem juiz do crime; e a chente senhora das ruas. Biba este, morra aquelle! É com'a quem diz...

ZEPHIRINO.

Ah Zé-braga, Zé-braga, que nos cobriste de vergonha para sempre!

ZÉ-BRAGA.

Tamvem tu! Pois elle é o que faltaiba. Ora isto, o alfacinha!

ZEPHIRINO.

Ah boiças, boiças!

MARQUEZ.

Basta! (*á parte*) E d'isto quiz eu fazer gente! (*alto*) Marianna, minha querida sobrinha, perdea-me. E vamos d'aqui, filha. Em má hora me lembrei de te tirar do socêgo do teu convento. Quiz-te ingrandecer, cuidei fazer-te feliz, e não consegui senão involver-te na minha ruina! Vamos, filha, vem apprender como se deixam as honras e as grandezas, e como na desgraça se póde ser grande, muito maior que na felicidade. — D. Luiz! (*não o vendo*) Onde está D. Luiz?

MARIANNA.

Senhor, elle...

MARQUEZ.

Ah! assim devia ser. Elles teem razão, filha! E ainda foi generoso este. Verás os outros —

ja os estás vendo -- os que me devem tudo quanto são, a quem eu nunca fiz senão favores, que os tirei do nada... ve-los-has. Oh! e Manuel-Simões? Tambem esse! Bem. -- Marianna, vamos. Sr. secretario, as ordens da rainha, minha senhora, que se cumpram: todos os presos d'Estado estão livres. Começa a tremenda reacção: como acabará ella? Se eu fui talvez mais longe do que a justiça e a razão pedia?... Póde ser. -- Vamos, Marianna. Mas tu estás triste, filha? Pobre menina! vieste assistir a este grande naufragio, ver a ruina dos teus, e quem sabe? tomar tambem parte -- ai! temo que muito grande parte n'ella... porque tu... não era impossivel... oh! que fiz eu! é certo, é certo, é certo, bem o vejo... tu tinhas-lhe muita affeição, Marianna?

MARIANNA.

Tinha, meu tio; e não sei se tenho ainda. Mas creia, senhor, que a filha de sua irman não o hade invergonhar, nem desmentir da fortaleza d'essa alma que hoje se mostra maior que nunca. Ninguem sabe ainda que estou em Lisboa; voltarei sem que o saibam. Ésta boa gente não falará; e os seus inimigos não hãode ter o gôsto

de se divertir com uma aventura quasi... quasi ridicula. (*áparte*) Oh! que me importava a mim o ridiculo, se não fosse!... (*alto*) Por essas poucas horas que tenho de estar em Lisboa — e que ja me parecem seculos — tornarei a ser sobrinha da tia Monica...

SCENA X.

MARQUEZ, MARIANNA, ZEPHIRINO,
ZÉ-BRAGA, SECRETARIO,
MONICA, SIMÕES.

MÓNICA.

Ella aqui a tia Monica. Ai! que noite ésta, que noite, minha querida sobrinha! ai filha! que a tórno a ver. Mas aonde, aonde, meu Deus! n'esta feia casa... Abrenuncio! E dizer que o marquez aqui tinha prêsa aquella boa gente! Ai o Sr. marquez aqui! Deus me perdoe! Eu não o dizia por isso, Sr. marquez; mas ver aqui a minha pobre sobrinha...

SIMÕES, baixo ao marquez.

Sr. marquez, eu fui buscar Monica, e sei que fiz bem. A Sra. D. Marianna pôde ir com ella

e tornar para aquella casa, que — V. Ex.^a bem o sabe, não póde duvidar, Sr. marquez — é mais sua do que minha.

MARQUEZ, apertando-lhe a mão.

Meu Simões, perdoa-me; eu não te conhecia.

ZEPHIRINO.

Oh Zé-braga, Zé-braga, ella então torna a ser sobrinha do patrão, hem?

ZÉ-BRAGA.

Deixa-me, homem. Sabes tu que o nosso marquez que era um grande homem porfim?

ZEPHIRINO.

Oh se era! bem grande. Mas deixá-lo estar assim pequeno, que sempre a gente dorme mais socegada.

ZÉ-BRAGA.

Apparece-me que tu que tens razão, Zephirino.

MARQUEZ.

Pensaste bem, Simões. Assim é, e assim deve ser, meu compadre. Marianna volta com a tia Monica...

MONICA.

Pois com quem havia de voltar a pobre menina? Deixemos passar estes barulhos e ver em que

isto pára : depois fallaremos. Ó Sr. marquez, pois com ésta cara quem fica sem achar casamento? Lá sem fallar nos taes vinte moios de milho, que eu ainda não sei bem quanto é. Aquelle Sr. Luiz, aquelle Sr. Luiz, que me disse uma palavra! ainda me não esqueceu : 'Uma figa, tia Monica!' Uma figa a mim!

SIMÕES, com aspereza.

Monica, então?

MONICA.

Basta, senhor do ceo! basta; ja não digo nada.

MARQUEZ.

É tarde, vamos. Adeus filha, até ámanhan. Fallaremos. Agora é preciso que eu appareça, que não digam os meus inimigos que o marquez de Pombal abandona o campo. Oh! o marquez de Pombal não succumbe assim, meus senhores. A lucta hade ser longa. E quem sabe? Elles não podem, elles não sabem governar isto. Este ja não é o Portugal dos frades e das beatas. E o que eu semeiei n'esta terra — seja elle flores ou abrolhos — ja lh'o não arrancam, ja o não extirpam. Oh! eu porfim sou o marquez de Pombal... e elles o que são? Que sabe d'elles o mundo.

e que hade saber a historia dos seus feitos? A historia, a historia! vaidade, orgulho dos nescios...
(*pausa*) Vamos, Marianna, não me estejas triste.

MONICA.

Qual triste! ella está lá triste com a sua tia Monica!

MARIANNA.

E é, oh! é a minha querida tia Monica.

MARQUEZ.

E depois, quem sabe? nem todos hãode ser tam vis, tam...

MARIANNA.

Ai! meu convento, ai quem me dera...

MONICA.

O convento! Não verão? Não hade ir para o convento, não senhora; hade ficar alli na nossa rua Augusta, que é a mais divertida rua de Lisboa. Tomára que a visse n'um dia de procissão, armada de damascos, e que...

SIMÕES, ralhando.

Monica, Monica!

MONICA.

Monica! está callada a Monica. Pois vamos então.

MARQUEZ, áparte.

Para ceder sempre é tempo : eu quero, eu posso ainda... (*alto a Simões*) Vão, vão. Simões, eu conto contigo. Marianna até ámanhan.

SCENA XI.

MARQUEZ, LUIZ, MARIANNA, SIMÕES,
MONICA, ZEPHIRINO, ZÉ-BRAGA,
SECRETARIO.

MARQUEZ.

D. Luiz !

MARIANNA.

Oh ! ainda aqui estava ?

LUIZ.

Aqui estou. Que pensava de mim ? Outra injustiça, oh ! — Sr. marquez de Pombal, eu venho, em nome de meu pae, a cujos pés me lancei, de meu pae que foi seu inimigo e que o não é ja... venho, com licença de meu pae, perdêr-lhe em casamento a Sra. D. Marianna de Mello. E que seja ésta mão, Sr. marquez (*indo a tomar a mão de Marianna*) ésta mão... (*o marquez internecido colloca a mão de Marianna na de Luiz que a bei-*

ja) ésta mão que apague enfim a derradeira memoria de tantas... de tantas desgraças!

MARQUEZ.

Ah! D. Luiz! eu não soube, não soube fazer nem amigos nem inimigos.

ZEPHIRINO.

Que te dizia eu, Zé-braga? Eu bem t'o dizia, que elle que era um, mas que eu que bem sabia que elle que era outro.

ZÉ-BRAGA.

E tu num es nem um, nem outro, es só amedade de um.

ZEPHIRINO.

Porquê?

ZÉ-BRAGA.

Porque és um pedaço d'asno.

MONICA.

Eu estou pateta. Pois elle?...

SIMÕES, áparte.

E o padre-Ignacio? Que dirá elle a tudo isto? Estou-lhe com medo.

MARQUEZ.

D. Luiz! Marianna! oh se podessem acabar assim as nossas discordias civis!

SCENA XII.

MARQUEZ, LUIZ, MARIANNA, SIMÕES,
MONICA, ZEPHIRINO, ZÉ-BRAGA,
SECRETARIO, PADRE-IGNACIO.

IGNACIO.

Não acabam, não, marquez de Pombal, porque n'esse coração, porque em nenhum coração d'esses hade morrer nunca a ambição.

LUIZ.

Oh padre, aqui n'este... (*apontando para o coração*).

IGNACIO.

N'esse ainda ella não nasceu. Veremos com o tempo.

LUIZ.

Eu não vejo, eu nunca heide ver senão a ti, Marianna.

IGNACIO.

Porora.

LUIZ.

Para sempre!

MARQUEZ.

Que Deus o oiça, D. Luiz, e lhe não dê nunca a provar o que eu sei!

IGNACIO.

E eu.

MARQUEZ.

Oh padre, padre!... Vamos: a sua mão (*dão-se a mão*). De amigo?

IGNACIO.

Veremos... E a Companhia?

MARQUEZ, soltando a mão do padre.

Jamais!

IGNACIO.

Pois, guerra!

MARQUEZ.

Sim.

IGNACIO.

Até á morte!

MARQUEZ.

Seja. Eu cahirei, mas...

IGNACIO.

Hade cahir.

MARQUEZ.

Mas os Jesuitas não se levantam.

IGNACIO.

Veremos.



